

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

RE

JÉBUS, Louis-Marie de
*Santa Teresa do Menino Jesus
e o seu tempo (o século XIX francês)*

REIS, Manuel Fernandes
*Actualidade
de Santa Teresa de Lisieux*

MARIA, Ir. Vera
*Mensagem de S. Teresa do Menino Jesus
à mulher de hoje*

URBANO, Maria da Piedade de Pádua
*As poesias
de Santa Teresa do Menino Jesus*

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

SUMÁRIO

AGOSTINHO DOS REIS LEAL	
<i>«Um Centenário: Santa Teresinha»</i>	243
LOUIS-MARIE DE JÉSUS	
<i>Santa Teresa do Menino Jesus e o seu tempo</i> <i>(O século XIX francês)</i>	5
MANUEL FERNANDES DOS REIS	
<i>Actualidade de Santa Teresa de Lisieux</i>	53
IR. VERA MARIA	
<i>Mensagem de Santa Teresa do Menino Jesus</i> <i>à mulher de hoje</i>	27
D. MARIA DA PIEDADE DE PÁDUA URBANO	
<i>As Poesias de Santa Teresa do Menino Jesus</i>	27

NÚMERO 16

Outubro - Dezembro 1996

REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

Publicação trimestral

Propriedade

Ordem dos Padres Carmelitas Descalços em Portugal

Director

P. Alpoim Alves Portugal
Centro de Espiritualidade
4630 AVESSADAS
☎ 055.534207 – Fax 534289

Conselho da Direcção

P. Agostinho dos Reis Leal
P. Jeremias Carlos Vechina
P. Manuel Fernandes dos Reis
P. Mário da Glória Vaz
P. Pedro Lourenço Ferreira

Redacção e Administração

Edições Carmelo
Rua de Angola, 6
2780 PAÇO DE ARCOS
☎ – Fax 01.4433706

Assinatura Anual (1997)	2.850\$00
Espanha	Ptas 2.700
Estrangeiro	USA \$ 35
Número avulso	800\$00

UM CENTENÁRIO: SANTA TERESA DO MENINO JESUS

AGOSTINHO DOS REIS LEAL

«Para te amar na terra só tenho o dia de hoje» (P 5, 1).

O Carmelo Teresiano está a celebrar o I Centenário da morte de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, ocorrida a 30 de Setembro de 1897, no Carmelo de Lisieux (França).

Este aniversário histórico e eclesial não é somente a evocação dum passado glorioso. É, sobretudo, a oportunidade, a graça, de mergulhar na experiência de quem «não morreu» na vocação e missão de «amar e fazer amar o Amor».

A doutrina de Santa Teresinha é para todos, e entendida por todos, pois é o coração do Evangelho: a misericórdia, a confiança, o abandono na esperança, a simplicidade...

«O homem contemporâneo está debilitado porque desespiritualizado. Fazê-lo esperar a salvação pelo conforto material é, em definitiva, entregá-lo ao desespero... O homem moderno é um angustiado... A crise horrível que veio perturbar a humanidade é uma crise de desespero recalcado... A saída para o drama do homem contemporâneo, tentado de desespero – para quê lutar? – está na «espiritualização do mundo pela

esperança» porque «a forma mais alta da esperança é o desespero ultrapassado» (G. Bernanos).

A mensagem de Santa Teresinha é o «antídoto mais urgente contra o desespero» (Guy Gaucher).

Conhecendo, e imitando, Santa Teresinha aprenderemos a superar as angústias e os medos do tempo presente, trocaremos idealismos desencarnados por um realismo espiritual e evangélico, recuperaremos a nossa dimensão profética para «amar e fazer amar» um Deus presente num homem próximo e livre.

A Revista de Espiritualidade, durante este ano centenário, oferecerá aos seus leitores os aspectos principais do tempo, vida e doutrina de Teresa de Lisieux. Com o presente número viajaremos até ao século XIX francês para perceber o *contexto histórico, político e religioso* em que nasceu e cresceu Santa Teresinha (Louis-Marie de Jésus). Encantados pela sua *Poesia* (Maria da Piedade de Pádua Urbano) e o seu *génio feminino* (Ir. Vera Maria) apreciaremos a sua *actualidade* (Manuel Fernandes dos Reis).

Recordar e contar a história do passado é uma forma de olhar para o futuro e comprometer-se a viver com esperança – sem desespero – o presente.

Amando profundamente a Deus, entregar-nos-emos amorosamente ao próximo. Não ontem. Nem amanhã. Porque «para te amar na terra só tenho o dia de hoje».

SANTA TERESA DO MENINO JESUS E O SEU TEMPO

(O século XIX francês)*

LOUIS-MARIE DE JÉSUS, O.C.D.

O século XIX é um século «confuso» e, por vezes, difícil de interpretar.

O século XIX francês é o século das revoluções políticas e sociais. O fenómeno religioso ocupa um lugar importante. É no seio duma verdadeira efervescência política e dum catolicismo muito vivo que Santa Teresa do Menino Jesus nasce, cresce e deixa ao mundo inteiro um caminho com o qual não acabamos de nos comprometer: uma verdadeira «revolução espiritual».

Decidimos apresentar o meio onde Teresa viveu, do seguinte modo:

Em primeiro lugar vamos estudar o contexto político e religioso do século XIX francês.

Quando Teresa nasce, em 1873, a França vive um contraste extraordinário entre a instabilidade da sua política (quase um século) e a constância, a solidez, das instituições católicas francesas.

* Conferência proferida no dia 13 de Março de 1995 durante um «Curso intensivo» organizado pelos Carmelitas Descalços, em Lisieux, como preparação para o Centenário teresiano, publicada pela revista *Vie Thérésienne*, nº 143, pp. 7-29 (Lisieux 1996) e que traduzimos com a devida vénia.

a) Numa primeira secção veremos os diversos regimes políticos que precederam a vinda ao mundo de Teresa e como esta se situa no centro de dois períodos. Antes de 1870, os regimes sucedem-se a um ritmo desenfreado, sob um fundo de guerras e revoluções. Depois de 1870, a França entra progressivamente numa instabilidade política que termina em 1940, com a entrada na guerra e o fim da Terceira República.

b) Constataremos a seguir como, no meio duma tal maré humana, a Igreja aparece, senão como um «farol», pelo menos como um factor de ordem e estabilidade. Estudaremos principalmente a questão do regime concordatário, instituído em 1801, e depois faremos ressaltar a vitalidade da Igreja de França no meio das múltiplas correntes espirituais ou sociais que ora a reforçaram ora a debilitaram.

c) A terceira secção será mais longa. Apresentar-se-á uma cronologia dos principais factos que se deram em França durante este período. Paralelamente situaremos os grandes acontecimentos da vida de Teresa. Estes serão para nós as marcas, os pontos de referência.

Isto ajudar-nos-á a compreender o horizonte cultural de Teresa num país onde os católicos participaram profundamente na vida política.

Contexto político e religioso do século XIX francês

a) Os regimes políticos anteriores a 1873 (nascimento de Teresa)

Graças a este breve resumo, vamos poder entender um pouco melhor a extrema diversidade das correntes que marcaram o mundo de Teresa. Pode dizer-se que cada um destes pedaços da história de França contribuiu para talhar a fisionomia espiritual da Santa de Lisieux.

– Antes de 1792, a França vive sob o regime duma realeza cujas origens remontam ao século V. De 987 a 1792 reina a dinastia dos Capetos cujo último ramo, o dos Borbons sobe ao poder em 1589 com Henrique IV.

– De 1789 a 1799 rebenta a longa revolução francesa, com os seus diferentes governos provisórios. É um verdadeiro «caos» onde reina a arbitrariedade, o terror, o incompreensível.

– De 1799 a 1804: o Consulado. Napoleão Bonaparte entra em cena. A França ergue-se lentamente das suas ruínas. Graças a um golpe de Estado, Bonaparte fica à cabeça do país e proclama-se Primeiro Cônsul. Estabelecem-se as bases duma paz civil e religiosa. Certos princípios da Revolução são institucionalizados.

– 1801: a Concordata.

– De 1804 a 1814: o Primeiro Império.

– De 1814 a 1830: a Restauração. Restabelece-se a Realeza. Dois Borbom, irmãos de Luís XVI, sobem ao Trono de França.

– 1830: a Revolução de Julho (muito anti-clerical). O ramo dos Borbons é derrubado e, depois, retomado pelo dos Orleães. Reino de Luís-Filipe, «Rei burguês», «Rei dos franceses» e não mais «Rei de França».

– 1848: a queda de Luís-Filipe. Revolução de carácter social.

– 1848-1852: a Segunda República. O Príncipe Luís-Napoleão torna-se Presidente.

– 1852-1870: o Segundo Império. Napoleão III (Príncipe Luís-Napoleão) ou a opção pela ordem. A Igreja concordatária goza de grande estabilidade.

– 1870: a Guerra franco-prussiana. Derrota da França em Sedan (2 de Setembro) e queda do Imperador Napoleão III (4 de Setembro).

– 1871-1940: a Terceira República. Continuidade na descontinuidade. Alternância de períodos conflituosos e pacíficos na política.

b) O regime concordatário e a vitalidade da Igreja de França perante as múltiplas correntes ideológicas

A Concordata (1801)

Depois do dia 15 de Julho de 1801, as relações entre o governo francês e a Hierarquia católica de França regem-se por uma Concordata. Uma Concordata, recordemo-lo, é um acordo bilateral entre a Igreja Católica e um Estado para reger um conjunto de pontos ou um ponto particular que interessa às duas partes. No caso da França, fala-se de Concordata de reconciliação e de reconhecimento mútuo. A última

Concordata, abolida pela Revolução, data de 1516. A de 1801 põe fim a mais de dez anos de relações muito conflituosas entre a Igreja de França e a Nação. Fruto de múltiplas discussões e diligências diplomáticas, será abolida no dia 9 de Dezembro de 1905 pela lei da separação entre as Igrejas e o Estado. Com o passar do tempo, ela aparece como um êxito se o princípio de igualdade entre os dois contraentes for sempre respeitado. Pio VII fez mais concessões do que Bonaparte. Cansada de hostilidades, e sobretudo desorganizada em França, a Igreja preferiu fechar os olhos.

Entre as cláusulas do tratado, Bonaparte compromete-se a restabelecer o culto público e garantir protecção à religião. Os bispos ascendem ao mesmo nível dos governadores civis e vêm aumentar o seu poder. Especifica-se que o chefe de Estado deve ser católico, mas a religião católica perde o seu estatuto de «religião de estado». É simplesmente a religião da maioria dos franceses.

Por seu lado, Pio VII deve consentir na perda dos bens eclesiásticos anteriores à Revolução e aceitar uma política congregacionista muito restritiva.

Até cerca de 1820 a Concordata dá poucos resultados, pois deixou-se atrair por uma «reconquista» do religioso cujo apogeu se situará por volta de 1860. A Igreja Católica, que sai da clandestinidade no meio de um imenso campo de ruínas, reorganiza-se. Napoleão compreendeu bem que não contou com esta renovação espiritual para consolidar o ressurgimento social da França. Reconstituí-se o episcopado (Pio VII teve de aceitar que a maior parte dos bispos do Antigo Regime fossem substituídos) bem como a organização paroquial e caritativa. Daqui em diante os bispos e os padres dependem directamente do Estado. Por «padre» entende-se o equivalente aos «vigários» actuais. Os outros padres (e coadjutores) dependem da jurisdição do seu bispo.

No seio desta reorganização da Igreja de França, convém mencionar a sobrevivência do galicanismo. O galicanismo, como doutrina teológica e concepção política, aponta para uma certa autonomia da Igreja de França e limitação dos poderes da Santa Sé. Fortemente estruturado no século XVII, este movimento de pensamento tipicamente francês (donde o seu nome), serviu a Revolução. Perpetua-se sobretudo através da adopção dos Artigos Orgânicos, recolha de 77 leis promulgadas no dia 8 de Abril de 1802 e impostas por Bonaparte à Igreja. Trata-se de um verdadeiro regulamento policial que sujeita a Igreja ao Estado. Estas disposições

restritivas são pouco favoráveis às Congregações. Reforçam o poder centralizador do governo (falamos do «jacobinismo») e gera um sistema muito piramidal. Os eclesiásticos colaboram estreitamente com o Estado. São verdadeiros «polícias morais», factores de ordem e estabilidade.

É fundamental entender bem este contexto sócio-religioso da França do século XIX porque é o de Teresa. Quando nasce, este sistema já tem provas dadas. Encaminha-se para o seu declínio, mas ainda lhe restam alguns bons dias. O bispo de Teresa, Mons. Hugonin (1823-1898) é um exemplo neste sentido. Este prelado, que ocupou a sede de Bayeux-Lisieux de 1866 a 1898, pertence à mais pura tradição galicana. Fiel amigo do feroso bispo de Orleães, Mons. Dupanloup, é adversário da infalibilidade pontifícia. Quando esta é proclamada, ele faz-se seu zeloso promotor. Mons. Hugonin é o verdadeiro tipo destes bispos franceses do século XIX, reformadores, cultos, piedosos e inteligentes.

A vitalidade da Igreja de França

Pouco depois de 1850, a Igreja de França conhece uma real prosperidade. É o apogeu da sua opção pela ordem. A este propósito, os historiadores falaram mesmo do «verão de S. Martinho do Concílio de Trento». Esta vitalidade pôde conhecer algumas crises como o atestam os anos de 1870-1900 em que a Igreja teve de enfrentar cada vez mais certas correntes hostis. Antes de expor estas dificuldades apresentamos uma lista dos elementos positivos:

A prosperidade da Igreja em França nesta época assenta, em parte, sobre a política do Segundo Império (1852-1870) do qual é um bom reflexo:

- defesa da propriedade;
- prioridade ao mundo rural;
- aceitação de uma sociedade necessariamente desigual.

A ordem, a obediência e a resignação são as palavras mestras tanto no campo civil como no religioso. Desconfia-se dos valores da Revolução de 1848 (liberdade, igualdade, fraternidade), sobretudo entre os católicos.

Os fiéis são convidados a praticar a esmola, a respeitar o descanso dominical e a preferir o campo à cidade onde, julga-se inconscientemente,

que é mais difícil ser virtuoso... Em todos estes pontos a família Martin é uma família modelo. A resignação de Zélia perante a morte não tem nada de surpreendente. Santa Teresa, criança, praticou a caridade com alguns «pobres diabos»; viu os seus pais renunciar a grandes lucros recusando trabalhar ao domingo.

A Igreja encontra um poderoso apoio na burguesia. O êxito desta classe social vem desde a Revolução de 1789, a única que dela beneficiou. Tendo a nobreza perdido tudo e os pequenos encontrando-se ainda mais oprimidos (sobretudo no fim do Primeiro Império), foi a burguesia quem soube tirar partido destes revezes financeiros e sociais. Valendo-se da sua sólida posição, voltou-se maioritariamente para a Igreja em quem vê um factor de ordem.

O despertar do religioso em França remonta ao ano de 1830. Acompanhado do controlo da religião popular. Geralmente, os pastores guiam inteligentemente a fé dos fiéis e estruturam as suas práticas. O culto das relíquias, dos santos, da Virgem Maria e do Sagrado Coração, adquirem o estatuto de nobreza. Numerosas peregrinações são restauradas depois de terem caído em desuso. Parece-nos bem longe do século XVIII que não via nestas manifestações senão obscurantismo...

É nesta mesma época que a França conhece um florescimento das aparições marianas (1830: rua de Bac; 1846: La Salette; 1858: Lourdes, para citar as mais célebres).

É este o universo devocional de Teresa. Nós sabemos por outrem que o seu pai lhe tinha inculcado o amor pelas peregrinações: Nossa Senhora da Graça de Honfleur, Montmartre, Nossa Senhora do Garda de Marselha, Nossa Senhora de Fourvière de Lyon, Nossa Senhora das Vitórias de Paris, Assis, Loreto, Roma... Todos estes santuários foram muito famosos no século XIX.

A reunificação litúrgica em França é também outro sinal de renovação. O seu autor é D. Guéranger (1805-1875), reformador da Ordem dos Beneditinos (1833). A adopção progressiva da liturgia romana nas diversas dioceses é um golpe dado nas tradições galicanas e um acto de fé ultramontanista. O senhor Martin tinha oferecido à Paulina, em 1874, um exemplar do *Année Liturgique* de D. Guéranger e liam-no à noite, ao serão. Por outro lado, sabemos que Teresa estudou nas Beneditinas (1881-1886). Ali encontrou a boa escola da vida litúrgica e sabemos que, quando entrou no Carmelo, se aplicava muito na recitação do Ofício divino.

É ainda no século XIX que o papado espera um grande prestígio, depois da anexação dos Estados Pontifícios e da entrada em Roma das tropas piemontesas (1870). A França não ficou insensível ao infortúnio do «Prisioneiro do Vaticano». O culto que os católicos consagram ao Romano Pontífice é sancionado pela proclamação da infalibilidade (18 de Julho de 1870). Alguns anos antes (1859) tinha morrido um pobre padre francês que devia ser proclamado Padroeiro dos padres do mundo inteiro: S. João Maria Vianney, o Cura d’Ars, cuja paróquia é apresentada como modelo a todas as paróquias da França Concordatária. Talvez Teresa tenha ouvido falar desta figura emblemática... O seu amor pelo Papa, herdado da sua família, é por nós bem conhecido.

A restauração das grandes Ordens religiosas, suprimidas em 1792, constitui mais uma prova da vitalidade do catolicismo francês no século XIX. O mesmo se poderia dizer ao constatar a seriedade com que as crianças são preparadas e admitidas à sua «primeira comunhão». Esta cerimónia, em França, reveste-se de um carácter particularmente solene. As crianças só tardiamente recebem este sacramento, por volta dos doze ou treze anos, isto é, no fim da infância. Esta prática, essencialmente galicana, persistirá até ao pontificado de S. Pio X. Teresa não foge à regra. Ela comunga pela primeira vez no dia 8 de Maio de 1884, com onze anos. O último sínodo da diocese de Bayeux tinha estatuído que as crianças para serem admitidas à primeira comunhão (que se identificava também de modo impróprio à comunhão «solene») deviam «fazer os seus onze anos nesse ano». Por causa de um atraso de dois dias em relação à sua data de nascimento (ela nasceu a 2 de Janeiro, no início do ano), Teresa terá de esperar um ano para fazer a sua primeira comunhão.

Poderíamos acrescentar outros sinais do despertar religioso que precede o nascimento de Teresa, mas o que acabamos de dizer é suficiente para medir a amplitude desta retoma espiritual. O meio católico em que Teresa cresce está fortemente marcado pela noção de visibilidade. Qualquer um se «classifica» de católico num mundo em completa mutação. Nada de uma Igreja minoritária que vá a reboque deste mundo!

Um outro sinal da vitalidade da Igreja de França é precisamente a *abertura*. Trata-se, antes de mais, de abertura ao mundo. Os católicos de França provam que não vivem friamente voltados sobre si mesmos.

A política francesa de colonização suscita um grande sucesso das missões. Teresa não pode ignorar a existência destas missões. Durante a

sua infância falaram-lhe delas e leu histórias edificantes. Depois de entrar no Carmelo, evoca a sua «vocação para as missões longínquas» (Ms C 10v). Tendo o Carmelo de Lisieux assegurado uma fundação em Saigão, ela própria sonhava com uma eventual ida para o Oriente (Ms C 9v). A correspondência com os seus dois «irmãos» missionários permite-lhe alargar ainda mais o horizonte da sua oração. Mas a abertura ao mundo pode exercer-se no próprio interior dos limites do hexágono. Contrariamente a certas ideias recebidas, os católicos franceses do século XIX estão abertos à modernidade e fascinados pelo progresso. Há certamente alguns freios de reacção ao espírito laico, ao triunfo do positivismo, mas, no seu conjunto, os católicos querem o progresso. Pôde classificar-se o século XIX como «século estúpido»... o que é profundamente injusto e inexacto. A própria Teresa diz da sua época que é um «século de invenções» (Ms C 2v). Com quatorze anos apaixonou-se pelos livros de ciência e história. Abre-se ao mundo e o seu pai apresenta-lhe as novidades do seu tempo por ocasião das suas múltiplas viagens e peregrinações. Aquando da sua peregrinação a Roma, Teresa descobre as últimas maravilhas do progresso. Visita os palácios, utiliza os ascensores até mesmo nos seus escritos...

A «abertura», enfim, é também para os católicos a abertura ao mundo da cultura em geral. Apesar das múltiplas preocupações pastorais e materiais, a Igreja de França encorajou os seus fiéis a cultivar a sua formação humana e espiritual numa forma muito intensa.

No século XIX, o ensino cristão está bem desenvolvido. Temos um exemplo significativo: no fim do século, as escolas secundárias privadas (e essencialmente católicas) contavam com mais alunos do que as do Estado.

As Universidades Católicas, fundadas a partir de 1875, formam uma elite de cristãos. Os estudos religiosos aproveitam os desenvolvimentos científicos da época (arqueologia cristã, história da Igreja, liturgia, exegese, etc.). O papel dos católicos na legislação social do país é capital (F. Ozanam, R. de la Tour du Pin, A. de Mun, etc.). Se a Igreja tem uma parte muito activa no desenvolvimento do sector rural, também não negligencia a miséria do mundo operário (visitas ao domicílio, protecção, alfabetização, «cursos nocturnos», etc.). Entre os eclesiásticos franceses do século XIX conta-se um bom número de eruditos e espirituais, abertos às culturas que não são as suas. A enciclopédia do padre Migne

(cerca de 900 volumes) tem um enorme sucesso, mesmo entre os mais modestos presbíteros. Todo o sacerdote que se preze possui a sua biblioteca. A do pobre Cura d' Ars espanta pela sua riqueza.

Quanto à instrução religiosa das crianças, ela é objecto duma atenção particular por parte dos pastores. Eles não se contentam em expor os grandes princípios da fé, mas, ao mesmo tempo, oferecem os meios para dar testemunho desta fé no mundo por vezes hostil ao «religioso» e às suas manifestações. Publicam-se muitos «Catecismos de perseverança». Teresa, como as crianças da sua época, beneficiou duma formação religiosa séria e completa (melhor que a sua formação escolar). A Igreja de França não esperou que o Estado legisse a «escolaridade obrigatória» (1882) para tornar obrigatório o catecismo.

Por fim, assinalemos a importante influência da corrente literária romântica sobre o horizonte literário da Igreja do século XIX. A idade de ouro do romantismo francês é anterior a 1850, mas faz-se notar mais além. Para os «românticos», percebe-se bem, a cidade é o lugar dos perigos e dos vícios enquanto que o campo traz consigo uma certa integridade original que se pensa poder atingir através da nostalgia ou, até, da melancolia. O mundo religioso faz eco das ideias românticas, ainda que só indirectamente. Já mencionámos a prioridade concedida à pastoral do sector rural no Segundo Império. Os bispos pregam o amor pelo campo, não só porque as ideias socialistas têm mais dificuldade em penetrar aí do que na cidade, mas porque a natureza é fundamentalmente boa e actua sobre as almas. Os manuais de piedade da época contêm ricas meditações de acento trágico-romântico. Os combates interiores são analisados desde todos os matizes do leque de sentimentos humanos. A hipertrofia do «meu», tão cara aos românticos, é bem patente.

Seria interessante consagrar um estudo à influência do romantismo sobre Teresa. O seu pai, ainda jovem quando o romantismo domina o horizonte literário (ele nasceu em 1823), é um apaixonado leitor de Lamartine. Sabemos que na família, diante das suas filhas, declama entusiasmado os poemas deste autor onde os temas da fuga do tempo, do sentimento do exílio terreno, da nostalgia do além, tiveram muita ressonância afectiva no espírito de Teresa. Os testemunhos dela abundam neste sentido. O seu amor pela «pátria» (o céu) não a deixa descansar. A «orfã da Beresina» tem realmente consciência de estar no exílio. Não é difícil imaginar as doces conversas românticas de Teresa e

Celina no terraço dos Buissonnets onde sonham as «coisas da eternidade» (Ms A 48r e 73v). O senhor Martin inculca na mais jovem da suas filhas o amor pela natureza que Teresa saberá fazer render na sua dimensão espiritual.

Um combate em todas as frentes...

Depois de termos visto os principais factores da vitalidade da Igreja de França no século XIX, vamos ver agora as dificuldades que teve de enfrentar. Seria necessário falar antes dos «desafios a superar». Ainda assim os católicos dão provas de uma real vitalidade. Não podemos, dentro dos limites deste estudo, entrar em pormenores. Basta saber que, pela vivência da sua fé, pela sua vida humilde de carmelita, Teresa soube superar magistralmente a maior parte destes desafios.

Existe, desde logo, a luta da Igreja contra o espírito liberal e positivista. A batalha é enorme. Trata-se, nem mais nem menos, da fé que é posta em causa, bem como todo o seu conteúdo. Em 1863 aparece a *Vie de Jésus* de Renan. O impacto é grande, à medida do escândalo. Este «Jesus» é inconsistente. Ele mergulha no fideísmo e subjectivismo do seu autor que ataca insidiosamente os fundamentos dogmáticos da cristologia. Trinta anos antes, Lamennais (1782-1854) tinha publicado a crónica das suas posições ultra-liberais que, acrescidas doutras proposições erróneas, serão condenadas em 1864 por Pio IX no *Syllabus* (catálogo dos erros modernos).

Teresa, na verdade, não foi profundamente afectada por Renan e Lamennais. Ao contrário, o «caso do P. Jacinto Loyson, o.c.d.», perturbou-a pessoalmente. Ela acompanhou de perto o pobre renegado, «um certo lírio desbotado e seco que teria de se transformar em rosa de amor e de arrependimento» segundo a sua expressão (cf. Cartas a Celina de 26.4.1891 e 8.7.1891). Perante a morte, ela confia na salvação do velho carmelita que naufragou no liberalismo e na fobia do ultramontanismo. A 18 de Agosto de 1897, na festa de S. Jacinto, ela oferece a sua última comunhão por ele. Contrariamente a Pranzini, ela não obtém sinal de conversão. Alguns anos mais tarde, o P. Jacinto confessar-se-á «profundamente tocado ao saber que esta alma tão fervorosa sofreu e rezou» por ele (carta dirigida no dia 24 de Novembro de 1910 ao Rev. P. Elias, o.c.d.). Até à sua morte (1912), recusará corrigir-se dos seus erros, mas

manterá uma comovente correspondência com o Carmelo de Lisieux. O caso Loyson, que deu muito que falar em França, apanhou Teresa na mais profunda noite da sua fé.

A seu modo, a Igreja de França entra também numa verdadeira «noite da fé» ao longo da segunda metade do século XIX. Na sociedade a referência a Deus esfuma-se, o mito do progresso infinito ganha cada vez mais terreno. Depois de 1840 florescem um pouco por toda a parte as soluções utópicas ou socialistas (Saint-Simon, Fourier, etc.). Depois das revoltas dos operários em Junho de 1848 e a queda da Monarquia, em Julho, o vermelho torna-se a cor da revolução constante, o operário é identificado a um revoltado. Os católicos estão no coração do combate e são constantemente provocados na sua fé. Acusa-se a Igreja de ser cúmplice dos governantes.

Por volta de 1860 começa a espalhar-se uma onda de anti-clericalismo violento. Os valores pregados pelas filosofias do século XVIII são erigidas em sistemas. A fé no progresso passa para a questão escolar, a fé na razão suscita uma verdadeira ética laica, a fé na liberdade traduz-se em eleições livres. Procura-se desqualificar a Igreja em qualquer das suas frentes espalhando o mito duma Igreja «obscurantista». Os católicos franceses reagem, por vezes, violentamente. As suas posições endurecem-se. Os «liberais» são objecto duma certa suspeita por parte da Hierarquia. Os mais tradicionais caem no espírito de partido e são motivo de conversa para os seus adversários. Mais do que nunca as lojas maçónicas multiplicam-se. Os seus membros infiltram-se por todos os lados e lançam as bases de um poder obscuro que se mostrará tristemente eficaz na política do fim do século. Paralelamente, o esoterismo desenvolve-se. Para provocar os católicos e, sobretudo, sob o efeito dum profundo mal-estar social, começa-se a acusá-los nos salões mundanos.

O horizonte é bem obscuro... É o horizonte de Teresa. Foi neste contexto que ela desenvolveu e manteve a sua fé até à grande prova do fim da sua vida. Esta noite da fé que ela atravessou, curiosamente, aproximou-a desta sociedade francesa do fim do século XIX de quem ela, involuntariamente, pôde compreender as aspirações sob a forma da tentação. Esta rude experiência permitiu-lhe «sentar-se à mesa dos pecadores», segundo a sua genial expressão. O estudo do contexto político-religioso desta época transforma-se, assim, numa razão mais para apreciar o que a jovem carmelita venceu no plano espiritual.

Antes de abordar a terceira parte desta exposição, gostaríamos de mencionar, ainda que ao de leve, duas correntes que a Igreja do tempo de Teresa verdadeiramente não chegou a combater como conviria, mas que lhe causaram um grande mal no seu espírito.

Trata-se, por um lado, do jansenismo e, por outro, do anti-semitismo.

Tanto num caso como noutro, Teresa cala-se ou, pelo menos, deixa-nos poucos elementos para avaliar. Este silêncio não deixa de ter interesse porque a própria Igreja, no seu conjunto, também o praticou. Porquê? Provavelmente porque ela não tinha a mesma consciência do perigo como nós.

Até ao começo do século XX a influência do jansenismo pôde perceber-se em França. Indicaremos apenas um exemplo na vida de Teresa. Durante o retiro para a sua primeira comunhão (5-8 de Maio de 1884) o P. Domin, capelão da Abadia onde Teresa é semi-interna, dá quatro lições às meninas de onze anos. Os temas são os seguintes:

- as contas que Deus nos pedirá pelas graças recebidas;
- a morte (com a terrível história da morte de uma criança durante o seu retiro para a comunhão);
- o inferno e as torturas do inferno;
- a comunhão sacrílega.

É muito provável que os temas tratados pouco tenham ajudado Teresa a superar a doença dos escrúpulos, da qual só se verá livre no dia 25 de Dezembro de 1886...

O P. Domin ensina o catecismo a Teresa. Como muitos padres do seu tempo, transmite algumas ideias tingidas de jansenismo e prega uma doutrina da graça bastante restritiva. Depois de entrar no Carmelo, Teresa opor-se-á a estes pontos de vista limitados (dos quais as suas irmãs se fizeram eco) com a doutrina do seu «pequeno caminho» que assenta num conceito mais amplo da santidade.

No que diz respeito à vasta e delicada questão do anti-semitismo, reportar-nos-emos a um facto: no mês de Abril de 1886 aparece *La France juive* de Eduardo Drumont, temível polemista. A obra é violentamente anti-semita e ganha um grande sucesso em França. Segundo a opinião comum, pensava-se que os judeus tinham chegado a todos os lugares do poder por processos odiosos. Via-se neles a causa dos males

da França e os católicos não eram os últimos a denunciar o «conluio judeo-maçónico». Em 1890, o jornal católico *La Croix*, do qual o senhor Martin é assinante, pretende ser «o jornal mais anti-judeu de França». Teresa não fez qualquer alusão aos judeus quer nos seus escritos quer nas suas palavras tal como nos foram transmitidas. Todavia, ela não pôde ignorar esta onda de anti-semitismo. Mesmo em 1894, aquando do caso Dreyfus, ela nada dirá sobre este caso que apaixonou toda a França.

c) Cronologia: História de França desde 1870 a 1903

Teresa foi fustigada por um mundo em profundas mutações. Ela nasce precisamente depois da queda do Segundo Império e morre poucos anos antes da separação entre as Igrejas e o Estado. Entre 1873 e 1897, todo um mundo se desmorona. Uma sociedade que afirma uma vida de progresso e autonomia sem Deus.

Chegada do regime republicano (Terceira República)

No dia 2 de Setembro de 1870 acaba o conflito franco-prussiano, a «Guerra de 1870». Naquele dia, a armada francesa, vencida, capitula em Sedan. Dois dias mais tarde é destronado Napoleão III. É a queda do Império. O poder volta ao «Governo da Defesa nacional», cujos membros são, por vezes, hostis à Igreja.

18.9.1870 a 28.1.1871: o Cerco de Paris pelos alemães.

28.1.1871: o Armistício franco-alemão.

8.2.1871: a França escolhe uma Assembleia nacional para fazer frente a uma situação provisória até que se legisle sobre as suas instituições.

Procura-se, acima de tudo, salvar o país do «perigo vermelho» (isto é, socialista). A Assembleia tem 630 deputados dos quais, pelo menos 400, são partidários duma restauração monárquica. Estes monárquicos subdividem-se em dois grupos sensivelmente iguais:

- os «legitimistas» (partidários do Conde de Chambord, «Henrique V», neto de Carlos X);
- os orleanistas (partidários do Conde de Paris, neto de Luís-Filipe).

Os republicanos são minoritários. Thiers (orleanista) é nomeado chefe do poder executivo. A sua função é manter a ordem até que o

Rei volte. A unidade dos monárquicos parece fazer-se à volta do Conde de Chambord.

10 de Maio de 1871: a Conclusão (em Frankfurt) de um tratado de paz que tira a Alsácia e uma parte da Lorena à França para a juntar ao Império germânico. A França deve, além disso, pagar uma pesada contribuição de 5 biliões.

A anexação dos territórios do Este gera um verdadeiro traumatismo no espírito dos franceses. Nesta época desenvolve-se o culto de Joana d'Arc, Joana de Lorena, a «Santa da Pátria». Teresa nasce precisamente depois das humilhações do tratado de Frankfurt. Ela cresceu num meio onde a humilde pastora de Lorena era uma referência constante em assuntos religiosos e patrióticos. Notemos, de passagem, que durante a sua infância ela não pôde ignorar que fora o bispo de Lisieux, Pedro Cauchon (1432-1442), o responsável pela morte de Joana d'Arc, que mandou construir a capela de Nossa Senhora, da Catedral de S. Pedro, onde a família Martin assiste à Missa. Ainda jovem, Teresa era embalada ao som de histórias de batalhas. Ouvia falar alguma vez da guerra de 1870, da Comuna... O seu pai, que tem um espírito cavaleiresco e guerreiro, narra-lhe as campanhas napoleónicas do Primeiro Império. Dá-lhe o sobrenome original de «órfã da Bérésina». O avô materno de Teresa, Isidoro Guérin (1789-1868) é um antigo soldado de Napoleão. Ele recebeu o «baptismo de fogo» em Wagram (1809). Como muitos católicos, Teresa tem uma grande admiração pelo General de Sonis (1825-1887), herói da guerra de 1870. Zuavo Pontifício veio à França para defender a sua pátria pouco depois da tomada de Roma pelos piemonteses no dia 20 de Setembro de 1870.

Demorámo-nos um pouco, mas compreende-se melhor porquê Teresa se sente tão bem na pele da personagem de Joana d'Arc por ocasião da recreação piedosa apresentada no dia 25 de Janeiro de 1895. A causa da beatificação de Joana d'Arc será introduzida em 1894. A «Donzela» incarna o amor da França, a coragem no combate pela fé, a juventude sacrificada.

Mas voltemos à França de 1871...

No momento em que se negocia a paz com o inimigo, o «perigo vermelho» é muito reduzido, mas uma realidade. Um pouco por toda a parte rebentam no país insurreições populares. É a Comuna, verdadeira guerra civil. Paris não é poupada. A sublevação dá-se a 18 de Março.

Radicaliza-se durante a «semana sangrenta» (22-28 de Maio). No meio da carnificina, as paixões anti-clericais rebelam-se. Assassina-se padres e religiosos. A 24 de Junho dá-se a execução dos reféns da Comuna. Entre os fusilados encontra-se Mons. Darboy (1813-1871), arcebispo de Paris. Por seu lado o governo envolve a revolta em sangue. A repressão é terrível. Aos últimos combates (28 de Junho) seguem-se execuções e deportações massivas. Estas represálias contribuem para manter nos meios populares a ideia de que a Igreja se ligou ao poder do dinheiro.

1871-1873: O começo da República

No dia 31 de Agosto de 1871, Thiers é eleito presidente da República. O país reorganiza-se num sentido conservador. Os católicos vêem neste começo da República uma espécie de aliança entre protestantes, judeus e franco-maçónicos. Para alguns, a Igreja católica é a «inimiga».

É neste contexto bastante conflituoso que se situa o problema da «Questão romana». A questão que preocupa os católicos franceses é a do restabelecimento da monarquia que muitos pensam unida ao restabelecimento do poder temporal do Papa (suprimido em 1870). As «revelações» privadas anunciam o voltar simultâneo de uma grande «monarquia» e de um grande «pontífice». Assiste-se a um vasto movimento de solidariedade para com o Romano Pontífice, o «Prisioneiro do Vaticano». À imagem do General de Sonis, Teresa manifestará o desejo de experimentar na sua alma a «coragem dum Cruzado, dum Zuavo Pontifício». Ela desejará «morrer num campo de batalha para defender a Igreja» (Ms B 2v).

Este desejo duma restauração monárquica compreende-se muito bem entre os católicos de França onde tantos séculos passados sob a Monarquia (a do «Rei muito cristão») criaram a convicção de que existe uma harmonia entre a Monarquia e a Igreja. Mas tão grandes desejos chocam com a obstinação do Conde de Chambord. Em Julho de 1871, este faz eclodir a tentativa de fusão entre orleanistas e legitimistas (as duas dinastias que se batem pelo Trono). O representante dos Bourbons tropeça na questão da bandeira branca como símbolo do seu reinado, na linha directa dos seus antepassados. Não se compreende o apego dos franceses à bandeira tricolor... A restauração tão esperada não acontece

nem antes nem depois da morte (sem descendentes) do Conde de Chambord em 1883. A decepção e frustração de muitos católicos é imensa.

Muitas alusões, directas ou não, atestam que a família de Teresa é de sensibilidade monárquica. Para Teresa, o senhor Martin é o seu «Rei». Ela escreve trinta e sete vezes esta palavra com maiúscula. O «Rei de França e de Navarra» inculca às suas filhas o amor e o respeito por tudo o que pertence ao Antigo Regime. O seu próprio pai, o Capitão Pedro-Francisco Martin (1777-1865), foi condecorado, na restauração dos Bourbons, com a medalha da ordem real e militar de S. Luís. O tio materno de Teresa, Isidoro Guérin (1841-1909), escreve regularmente no jornal conservador e monárquico de Lisieux, *Le Normand*. Até 1896, escreve o editorial deste jornal que salva financeiramente graças a uma herança importante recebida em 1888 e que o faz passar da sua condição de farmacêutico à de notável.

1873-1876: «República de transição» (muito conservadora)

No dia 24 de Maio de 1873, a Assembleia derruba o «republicano» Thiers. A eleição do Marechal de Mac-Mahon (um monárquico) põe termo à crise presidencial. Começa um período de ostentação para a Igreja católica. Teresa tem cinco meses.

No dia 24 de Julho de 1873, a Assembleia nacional declara de utilidade pública a erecção em Paris, na colina de Montmartre, da «igreja do voto nacional». Este santuário, dedicado ao Sagrado Coração, tem como finalidade obter o perdão dos pecados dos franceses, o fim do cativeiro de Pio IX, a renovação religiosa e social da França. As peregrinações de colorido «nacional» multiplicam-se. Assim, por duas vezes, o senhor Martin participa na peregrinação a Chartres, para o levantamento da França (Maio de 1872 e Maio de 1873). A família de Teresa gosta muito das peregrinações (Paray-Le-Monial, etc.). Quando Teresa visita a basílica de Montmartre (1887), oferece uma pulseira em ouro para ajudar à confecção duma grande custódia.

O governo faz passar muitas leis favoráveis à Igreja:

– 20 de Maio de 1874: organização da capelania militar (no dia 24 de Junho de 1872, já se tinha ordenado aos militares e marinheiros o repouso dominical);

– 12 de Julho de 1875: lei que garante a liberdade do ensino superior (são criadas as Universidades Católicas).

Concedem-se estruturas jurídicas civis a muitos outros componentes do culto católico. A seu modo, o senhor Martin inscreve-se perfeitamente neste espírito. Sabemos que a sua relojoaria fecha ao domingo. Nesse dia, porém, podia ter boas receitas...

30 de Novembro de 1874: a Assembleia estabelece o mandato do presidente por sete anos. Este prazo, pensa-se, será suficiente para assistir à chegada do Rei...

Mas depressa se constata que a ocasião não será tão imediata. Progressivamente dá-se um carácter legal e estável ao regime da República.

30 de Janeiro de 1875: a Emenda Wallon. Um católico liberal faz passar a palavra «República» nas leis adoptadas nesta época.

1876-1879: os republicanos sobem ao poder

Inícios de 1876: novas eleições. Júlio Ferry torna-se presidente da Câmara dos deputados. Estes, ao contrário dos senadores (conservadores), são na maioria republicanos e anti-clericais. A situação política da França é instável: um presidente monárquico, um senado conservador, uma câmara republicana...

Para os católicos soa o alarme e o anúncio das medidas anti-religiosas (acção vigorosa de Léon Gambetta).

28 de Agosto de 1877: morte da senhora Martin. Teresa tem quatro anos e meio.

1 de Maio de 1878: inauguração da Exposição universal de Paris. Simboliza o ressurgir francês e é visitada por 16 milhões de pessoas.

1879-1889: anti-clericalismo violento

30 de Janeiro de 1879: Demissão do Marechal de Mac-Mahon. É substituído pelo republicano Júlio Grévy. Léon Gambetta é eleito presidente da Câmara. Chegada em massa dos republicanos ao poder. Uma onda de anti-clericalismo atinge as congregações religiosas e o ensino.

29 de Março de 1880: decretos anti-congregacionistas adoptados por influência da franco-maçonaria e de Júlio Ferry, ministro da instrução pública.

A 31 de Dezembro de 1880, são fechados 261 conventos e expulsos 5.643 religiosos.

Um ano depois, no dia 3 de Outubro de 1881, Teresa entra na Abadia das Beneditinas de Lisieux como semi-interna, em plena guerra escolar.

– reorganização e laicização do ensino (lançam-se as bases da «escola sem Deus»);

– o governo adopta as leis vexatórias para os católicos que reagem vigorosamente:

– 29 de Março de 1882: lei sobre a obrigação da escola laica;

– 25 de Julho de 1884: lei Naquet sobre o divórcio (um mês antes, 14 de Junho, Teresa foi confirmada por Mons. Hugonin).

No mês de Agosto de 1883 morre o Conde de Chambord. Muitos católicos ficam desorientados. Vivem num clima de grande hostilidade diante da República, mas falta-lhes unidade.

É no coração deste fervilhar de ideias políticas que Teresa recebe a graça da sua conversão, no dia 25 de Dezembro de 1886, ao mesmo tempo que Paul Claudel e o Visconde Carlos de Foucauld. Neste contexto de efervescência social ela experimenta a paz da alma e começa uma «corrida de gigante» (Ms A, 44v). Foi liberta de todos os seus escrúpulos.

Abril de 1886: publicação de *La France juive* de Drumond.

Novembro de 1887: a França é sacudida pelo «caso Wilson» (o genro do presidente entregou-se ao tráfico de quadros...). Crise de regime. Júlio Grévy demite-se no dia 2 de Dezembro. Sadi Carnot sucede-lhe.

O ano de 1887 é muito importante para Teresa. A execução de Pranzini (31 de Agosto) faz-lhe descobrir o mistério do mal com todo o seu horror à luz de um outro mistério: o da Misericórdia de Deus. Neste mesmo ano, Teresa lê muitos livros. Ela abre-se ao mundo, sobretudo por ocasião da grande viagem que a levará aos pés de Leão XIII, em Roma (Novembro-Dezembro). Esta peregrinação faz-lhe descobrir novas paisagens, invenções maravilhosas. Ao passar por Paris, o senhor

Martin leva as suas filhas fora do programa da peregrinação e apresenta-lhes os esplendores do mundo profano. Durante um mês, Teresa convive com os sacerdotes e descobre como têm necessidade de que se reze por eles. Ela está prestes a entrar no Carmelo...

9 de Abril de 1888: entra no Carmelo de Lisieux.

14 de Julho de 1888: iluminação da Torre Eiffel, símbolo da luz do progresso e da vitória sobre o obscurantismo.

6 de Maio de 1889: inauguração da Exposição Universal de Paris. Recebe 30 milhões de visitantes que podem medir a amplitude do triunfo do progresso.

Ao mesmo tempo, Teresa e suas irmãs partilham a grande prova da humilhação ao verem o seu pai cair na demência (é hospitalizado a partir do 12 de Fevereiro no Bom Salvador de Caen).

14 de Julho de 1889: Centenário da Revolução Francesa. O Estado fez dele o centenário do triunfo da razão. Elogio ditirâmico da Revolução.

Simultaneamente (Julho de 1889), Teresa recebe a graça mariana da ermida de Santa Madalena. Semana de «quietude».

15 de Julho de 1889: lei «os padres de mochila às costas» (supressão da isenção do serviço militar). Os católicos ficam aterrados com esta medida simbólica.

De 1887 a 1891, a Igreja de França sonha em parte com a tentativa de golpe de estado do General Boulanger. O resultado salda-se por um pungente contratempo que ridiculariza uma certa «direita» populista.

1889-1895: Clima de conciliação e o contratempo da «reunificação»

Setembro-Outubro de 1889: Os republicanos ganham as eleições. São tentados esforços com vista a uma paz social com os católicos.

Leão XIII conhece as disposições favoráveis do governo francês. Mesmo antes de 1889 já se tinha conciliado bastante com os detentores do poder (certos católicos acham que o Romano Pontífice é um pouco

demasiado liberal...). Desta vez ele sugere uma «reunificação» com a República.

12 de Novembro de 1890: Argel. Fracasso do Cardeal Lavigerie (que aceitou a temível e delicada missão de que foi investido pelo Papa). Estupefacção dos católicos franceses que não compreendem porquê Leão XIII só os convida a aceitar lealmente o regime republicano.

A Igreja de França não está preparada. Julga que não é possível qualquer aliança com uma «República maçónica». Anotemos, de passagem, que o senhor Guérin, o tio de Teresa, tinha aceitado as directrizes do Papa em matéria de reunificação. Contudo, não é um «democrata». Para os leitores do *Normand* ele resumiu as directrizes de Leão XIII nestes termos: «Aceitai francamente, lealmente, sem reservas, a forma de governo estabelecido, mas combatei, com todos os meios legais, a legislação anti-cristã».

16 de Fevereiro de 1892: encíclica *Au milieu des sollicitudes*. Apelo implícito à paz social dirigido aos franceses. Mais uma vez a lição não passa. Leão XIII não desanima.

3 de Maio de 1892: outra encíclica (dirigida, agora, aos Cardeais franceses) *Notre consolatióin*. Fim da oposição aberta do clero à República, mas confusão entre os monárquicos. Alargamento progressivo da política da «reunificação». Paralelamente os políticos abrandam as suas posições.

8 de Setembro de 1890: profissão de Teresa.

10 de Maio de 1892: regresso do senhor Martin a Lisieux.

1892-1894: onda de atentados anarquistas em França. No dia 24 de Junho de 1894, o presidente Sadi Carnot é vítima dum anarquista em Lyon. Casimiro Perier substitui-o.

1893: escândalo do Panamá. O ministro das finanças deve dimitir-se.

Teresa, no meio de todo este redemoínho (cujo eco lhe chega) mantém-se em paz. Ela escreve poesias, participa na formação espiritual das suas companheiras de noviciado.

A partir das eleições legislativas de Abril de 1893, a política francesa parece ter um novo espírito de orientação. Já não há mais guerra aberta ao clero, os políticos moderados tomam posição. A paz parece possível entre a Igreja e o Estado.

29 de Junho de 1894: morre o senhor Martin no castelo de La Musse (propriedade dos Guérin).

14 de Setembro de 1894: Celina entra no Carmelo de Lisieux.

É então que rebenta o «caso Dreyfus», num clima de anti-semitismo ambiente. Através das medidas mais odiosas tomadas contra a Igreja pela Terceira República, os católicos denunciam o conluio «judeo-maçónico». Esta acusação encontra eco em todos os meios onde os judeus são detestados. Em Dezembro de 1894, ao mesmo tempo que Teresa começa a redigir a suas recordações de infância, o Capitão Alberto Dreyfus, judeu, é condenado à deportação perpétua e ao degredo militar. É acusado de ter comunicado à Embaixada da Alemanha documentos de interesse para a defesa nacional. O escândalo toma uma amplitude extraordinária depois de uma carta escrita por Emílio Zola ao presidente da República (13 de Janeiro de 1898). Anos mais tarde (1906), obtém-se a revisão do processo. Dreyfus é reconhecido inocente e, depois, reabilitado. Esta história dividiu a França. Os católicos optaram massivamente pela posição contrária a Dreyfus.

De 1892 a 1900, a Igreja de França beneficia da política de apaziguamento inaugurada pela «reunificação». Multiplica escolas e colégios livres, cria obras sociais e caritativas, as comunidades religiosas voltam a fixar-se. Contudo, a reconciliação religiosa e nacional, sonhada por Leão XIII, não se realiza. A culpa, ao que parece, é de todos:

- dos radicais, porque não quiseram renunciar às suas conquistas (e viram a «reunificação» como um inimigo);
- dos moderados, porque, para não passarem por clericais, viraram à esquerda;
- dos católicos, porque demasiado divididos (aos olhos dos mais intransigentes, os «reunidos» são traidores).

O resultado não se faz esperar: volta dos radicais e retomada da perseguição religiosa, sobretudo a partir de 1895. Teresa fala deste assunto, pelo menos, duas vezes, no princípio dos *Conseils et souvenirs* (Ed. Cerf - D.D.B. 1973, pp 73-74):

Celina escreve: «Um dia enchi-me de indignação contra as Comunidades que cumpriam as leis injustas feitas contra elas e disse: “Que desgraçada seria se eu pertencesse a uma dessas Comunidades! Ah! que grande revolta sinto quando penso nisto! Preferiria deixar-me esfarrapar

do que me tocassem num pêlo!” Ela respondeu-me: “Isso não nos diz respeito. Penso como tu, agiria como tu se fosse responsável pelo caso, mas ninguém me encarregou disso. O que temos a fazer é unir-nos ao bom Deus. Mesmo que pertencêssemos a uma Comunidade citada nos jornais como exemplo de cobardia, isso não nos deveria inquietar”».

Encontramos outra alusão numa carta que Teresa escreve à sua tia, no dia 16 de Julho de 1896. Ela pensa que em breve lhe será permitido «ir para o céu com os anjinhos», não por causa da sua pouca saúde mas por causa duma afirmação feita hoje na capela do Carmelo pelo padre Lechêne... «Depois de nos ter manifestado as ilustres origens da nossa santa Ordem, depois de nos ter comparado ao profeta Elias na luta contra os sacerdotes de Baal, afirmou “que iam começar novamente tempos parecidos aos da perseguição de Acab”. Parecia que já estávamos a voar para o martírio...».

Por detrás das numerosas medidas vexatórias e incómodos administrativos impostos às congregações, Teresa, como digna filha de Santa Teresa, pensa logo no martírio.

As reacções dos católicos não são coesas. A super-excitação chega ao cúmulo. Não se sabe se se deve obedecer ou resistir. As congregações «reconhecidas», um número muito pequeno, optam rapidamente por uma atitude de lealdade. As outras resistem passivamente. No meio desta confusão e desta agitação muitos têm medo às represálias. Teresa, numa paz profunda, recebe a inspiração de se oferecer ao Amor Misericordioso (9 de Junho de 1895).

1 de Novembro de 1895: Léon Bourgeois cria um ministério radical muito anti-clerical (dos onze membros, nove são franco-maçónicos, e destes, dois são «sectários»: Mesureur e Combes).

1895-1899: Alternativas de apaziguamento e de sectarismo

Apesar de alguma acalmia, assiste-se a um aumento de anti-clericalismo.

Abril de 1896-Junho de 1898: Ministério Méline. Moderado e favorável à direita.

Teresa sente os primeiros sintomas da sua doença na noite de 2 para 3 de Abril de 1896 (hemoptise). Em menos de uma semana (a Páscoa

celebra-se a 5 de Abril) entra bruscamente na noite da fé. Esta prova só acabará com a sua morte.

Ao mesmo tempo rebenta o «caso Léo Taxil». Esta mistificação colossal abala a França católica e afecta Teresa no mais íntimo da sua alma.

Léo Taxil é um franco-maçónico notório, expulso da franco-maçonaria por ter redigido panfletos infames. Depois de ter simulado uma conversão espectacular, começa, de maneira excessiva, a fingir de clericalista. Aproveitando a credulidade de certos católicos, reconhece-se culpado de muitas imposturas.

O cume deste procedimento dá-se com a invenção de Diana Vaughan, uma grande fraude onde explora os sentimentos dos crentes perante uma antiga ovelha desgarrada.

Vaughan, personagem imaginária, ter-se-ia convertido depois de ter combatido violentamente a Igreja e aderido a um movimento esotérico. Aqui a história torna-se num psico-drama... Entrada num convento desconhecido para fugir aos punhais dos franco-maçónicos, Diana publica literatura piedosa que muita edifica. Os católicos franceses apaixonam-se por Diana. Colocam-se do seu lado. Teresa considera-a uma «nova Joana d'Arc» (testemunho de Celina). Na sombra, Léo Taxil move todos os cordelinhos.

Para confundir os incrédulos, Taxil revela a sua encenação diante duma grande multidão, em Paris, no dia 19 de Abril de 1897 (menos de seis meses antes da morte de Teresa). Anunciava-se a vinda de Diana Vaughan, saída do seu retiro, e é Léo Taxil quem se apresenta para contar cinicamente como brincou com os católicos. Fora da sessão, que fez escândalo, reproduziu uma fotografia deixada pelo Carmelo de Lisieux com o qual se relacionava. Trata-se de um negativo que representa Teresa e Celina a interpretar a peça de teatro consagrada a Joana d'Arc.

Só a Franco-maçonaria é que se aproveitará desta dolorosa história. Para Teresa é a suprema humilhação que induziu em erro este testemunho que a ela própria deixou nos seus Manuscritos Autobiográficos (Ms A, 69v): «Ilusões? Deus concedeu-me a graça de não ter nenhuma ao entrar para o Carmelo». Teresa mergulha na prova da fé.

Os anos de 1896-1898 são difíceis. Os radicais encontram o Gabinete de Méline demasiado clerical... Leão XIII, muito inteligente,

sente surgir o perigo e avalia, ao mesmo tempo, até que ponto os católicos se encontram divididos.

30 de Setembro de 1897: morte de Teresa.

Junho a Outubro de 1898: Ministério de Brisson (anti-clerical).

Novembro de 1898: Ministério de Dupuy (mais favorável aos católicos).

22 de Junho de 1899 a Junho de 1902: Ministério de Waldeck-Rousseau

O anti-clericalismo vira a fanatismo. Assiste-se a uma escalada da violência.

1 de Julho de 1901: lei sobre as Associações (contra as Congregações).

Junho de 1902: Ministério de Combes

São recusadas em bloco as autorizações legais pedidas pelas Congregações religiosas. O governo procede a expulsões massivas, ao encerramento das escolas confessionais e à confiscação dos bens dos religiosos.

A partir de 1903 surgem sérias questões sobre a Concordata. Leão XIII morre no dia 20 de Julho e, até ao fim, procura evitar a rotura. Esta terá lugar no dia 9 de Dezembro de 1905 com a rejeição da Concordata.

ACTUALIDADE DE SANTA TERESA DE LISIEUX

MANUEL FERNANDES DOS REIS

– «Eu não morro, entro na vida»¹.
– «A minha vida é só um instante, uma hora passageira
A minha vida é só um dia que me escapa e me foge
Tu o sabes, ó meu Deus! para te amar na terra
Só tenho o dia de hoje!...»².

Introdução

Escrever sobre a «actualidade de Teresa de Lisieux»³ implica atender quer à exigência de fidelidade ao seu pensamento e doutrina, transmitidos por ela nos seus escritos, quer à exigência da transmissão da sua mensagem aos homens de hoje. Ler, pois, a sua vida e escritos, na linha do Evangelho, não só como «notícia» dirigida à universalidade dos homens, mas como «boa nova» que diz respeito pessoalmente a

¹ Ct 254.

² P 5, 1.

³ P. Bro, *L'Actualité théologique de Thérèse de Lisieux*, em *Thérèse de Lisieux. Conférences du Centenaire 1873-1973*, Institut Catholique de Paris, 1973. «Se a divina Providência permitiu a extraordinária difusão do seu culto, é porque *ela transmitiu e transmite ao mundo* uma mensagem de surpreendente penetração espiritual, um testemunho único de humildade, de confiança e de amor!...» (Pio XII, na *Consagração da Basílica de Lisieux*, a 11/7/ 1954, em AAS 46 (1954) 404-408).

cada um de nós⁴, obriga, por certo, no nosso contexto cultural e eclesial, a uma releitura da sua espiritualidade⁵, centrada no Evangelho⁶ da Misericórdia de Deus⁷, com a conseqüente aventura de a apresentar como luz que responda às expectativas do mundo de hoje, na sua abertura à graça, isto é, na recuperação daquele «suplemento de alma», certamente da «criança» que há em nós, para santificar a nossa Igreja e o nosso Mundo no seu saber e no seu viver.

Há-de ser, assim, o estudo da vida dialogal de Teresa nas suas relações com Deus, com o próximo e com o mundo, e até consigo mesma, o «lugar teológico» e o «espaço antropológico», que nos fornecerão a chave de leitura das nossas próprias relações transcendentais, imanentes, e cósmicas. Neste sentido, a oração de Teresa a Deus é, no dizer dela, a fonte da qual ela tirou as migalhas das «rerum novarum» com que alimentou as suas irmãs mais novas, as noviças, nos segredos da infância espiritual, entendida e vivida como «pequeno caminho».

«Quando me foi dado penetrar no santuário das almas, vi imediatamente que o encargo era superior às minhas forças, então coloquei-me nos braços de Deus, como uma criança, e escondendo o rosto nos seus cabelos, disse-lhe: Senhor, sou demasiado pequena para alimentar as vossas filhas; se quereis dar-lhes por mim o que convém a cada uma, enchei a minha mão

⁴ «Este caminho da infância espiritual... revelou-o a todos com os seus escritos, que se divulgaram por toda a terra, e ninguém os leu certamente sem se sentir encantado e sem os ler e reler com muito prazer e fruto» (Pio XI, *Homilia da Canonização*, a 17/5/ 1925).

⁵ «Actualizar esta espiritualidade não é representá-la tal como é, é expressá-la na mentalidade e na linguagem dos homens da nossa época» (J. Lafrance, *Teresa de Lisieux Guia de Almas*, EDE, Madrid, 1985, p.11). Cf. ainda J. Haley, *Reinterpreting Thérèse of Lisieux for Today*, em *Spiritual Life* v.35, n.2, 1989.

⁶ «É o próprio Evangelho, o coração do Evangelho, que ela encontrou, mas com quanto fascínio e frescura!...Filha de um cristão admirável, aprendeu sob os seus joelhos paternos os tesouros de indulgência e de compaixão que se escondem no coração do Senhor!...Deus é um pai cujos braços estão constantemente dirigidos para os filhos. Porquê não responder a este gesto? Porquê não gritar sem parar junto dele a nossa imensa angústia? É preciso fiar-se da palavra de Teresa, quando convida, quer o mais miserável, quer o mais perfeito, a não fazer valer diante de Deus senão a debilidade radical e a pobreza espiritual de uma criatura pecadora» (Pio XII, na *Consagração da Basílica de Lisieux*, a 11/7/1954, em AAS 46 (1954) 404-408).

⁷ «O carácter evangélico da experiência e doutrina de Teresa de Lisieux dá-lhe uma permanente actualidade. A simplicidade, a confiança e o abandono a Deus, experimentados e proclamados por Teresa de Lisieux, são capazes de inspirar um compromisso pela justiça e a paz no mundo» (*Carta Circular dos Superiores Gerais O. Carm. e O.C.D. por ocasião do Centenário da morte de Santa Teresa de Lisieux, Voltar ao Evangelho. A mensagem de Teresa de Lisieux*, Roma, 16 de Julho de 1996).

pequenina e sem deixar os vossos braços, sem voltar a cabeça, darei os vossos tesouros à alma que me vier pedir alimento»⁸

Nos seus textos, são os papas que o dizem⁹, há alimento para todos os humanos¹⁰, sobretudo, para aqueles de nós que «levamos o tesouro do nosso ministério em vasos de barro»¹¹. Não um alimento inicial de «leite espiritual», mas «sólido e substancial» de «eminente doutrina»¹², que anuncia profeticamente a prova da fé aos homens do século XX¹³, para «os ensinar a navegar no mar tempestuoso do mundo com o *abandono* e o amor *de uma criança* que sabe que seu Pai a ama e não a deixa só na hora do perigo»¹⁴.

Palavra de Deus para o nosso tempo

«Podemos dizer com convicção de Teresa de Lisieux que o Espírito de Deus permitiu ao seu coração revelar directamente aos homens do nosso tempo, *o mistério fundamental*, a realidade fundamental do Evangelho: o facto de ter recebido realmente «um espírito de filhos adoptivos que nos faz gritar: Abbá! Pai!». A «pequena via» é a via da «santa infância». Nesta via, há ao mesmo tempo a confirmação e a renovação da verdade mais

⁸ Ms C, 22 rº-22 vº. «Teresa recebeu a missão de ajudar os homens a entrar em relação com Deus, mas também nas relações interpessoais de uns com os outros» (J. Lafrance, *o.c.*, p. 225).

⁹ M. Caprioli, *I Papi del secolo XX e S. Teresa di Lisieux*, em *Teresianum*, Roma, XLVI/ 1995/ II, 323-366).

¹⁰ «Aí (no seu manuscrito) haverá para todos os gostos, excepto para as vias extraordinárias» (CA 9.8.2.). «Ah, apesar da minha pequenez, queria *iluminar as almas* como os Profetas, os Doutores» (Ms B, 3 rº).

¹¹ Ms B, 1 vº. «Quando estiver no porto, *ensiná-lo-ei...*Ah! quanto queria fazê-lo compreender a ternura do Coração de Jesus, o que Ele espera de nós» (Ct 258).

¹² «Hoje reconhecem-se-lhe traços de eminente doutrina sobre Deus, a sua paternidade e a sua misericórdia; sobre a cristologia existencial por ela vivida; sobre a sua atenção ao Espírito Santo e aos seus carismas. A sua percepção do mistério da Igreja é original, a sua doutrina sobre a vocação universal à santidade marcou as páginas do capítulo V da *Lumen Gentium* ... A sua doutrina, sobretudo nalguns capítulos importantes, como o valor da vida contemplativa, o caminho da fé e do abandono na misericórdia de Deus, a possibilidade da santidade para todos...» (J. Castellano, «*Eminens doctrina*». *Un requisito necesario para ser Doctor de la Iglesia*, em *Teresianum*, Roma, XLVI/1995/I, pp. 20-21).

¹³ G. Gaucher, *Préface* a E. Renault, *L'épreuve de la Foi. Le combat de Thérèse de Lisieux*, Cerf, Paris, 1991, p. 15). S. Agostinho dir-nos-ia: «Escutai Teresa e segui-a, *é a luz do século XX*. Eu diria as mesmas coisas com outros termos...Por meio de Teresa, Deus leva-nos à doutrina das duas cidades fundadas no Evangelho: a cidade de Deus, que é tudo não sendo nada, oposta à cidade do diabo, que *não sendo nada quer ser tudo*» (M.D. Molinié, *Je Choisis tout. La vie et le message de Thérèse de Lisieux*, Chambray, 1992, p. 125).

¹⁴ Ct 258.

fundamental e mais *universal*. Que verdade da mensagem evangélica é, com efeito, mais fundamental e mais universal que esta: Deus é nosso Pai, nós somos seus filhos?»¹⁵.

Se, como dizia Pio XI, «os homens têm hoje particularmente necessidade de uma luz que os guie»¹⁶, ninguém como Teresa «pode traçar aos outros um caminho certo de salvação»¹⁷, não só porque se deixou instruir directamente por Jesus¹⁸, mas ainda, porque a «verdade da sua vida»¹⁹, enraizada no amor a Cristo-Verdade²⁰, verdadeiro alimento da sua vida²¹, fez dela quer «a maior santa dos tempos modernos»²² quer uma «Palavra de Deus para o nosso tempo»²³. Teresa é, na verdade, uma palavra de Deus²⁴, porque bebeu na fonte viva da Palavra de Deus²⁵, lendo, meditando e orando a S. Escritura como «luz dos seus passos» (SI 119,105).

«Nesta impotência, a Sagrada Escritura e a Imitação acodem em meu auxílio; nelas encontro alimento sólido e absolutamente *puro*. Acima de tudo, porém, é o *Evangelho* que me ocupa durante as minhas orações e nele encontro tudo o que é necessário à minha pobre pequena alma. Ali encontro constantemente novas luzes, sentidos ocultos e misteriosos»²⁶.

Esta «fonte de toda a espiritualidade cristã»²⁷ «preparou-a para executar as ordens de Deus»²⁸. Ela tornou-se assim num «coração que

¹⁵ «O essencial do Evangelho é o essencial da sua mensagem: a paternidade divina e a nossa vida filial» (João Paulo II, *Homilia diante da Basílica de Lisieux*, 2/6/1980).

¹⁶ Pio XI, *Discurso na promulgação do decreto «di Tuto» da Venerável Teresa do Menino Jesus*.

¹⁷ Pio XI, *Bula de Canonização «Vehementes exultemus»*, 17/5/1925.

¹⁸ Ms A, 83 vº. ¹⁹ Ms A, 31 vº. ²⁰ Ct 165. ²¹ CA 5.8.4; 30.9.

²² Pio X, numa audiência a um Bispo Missionário, Cf. *Les Annales de Sainte Thérèse de Lisieux*, 27 (1951) Julho, p. 6.

²³ Pio XI, *Discurso* de 11/2/1923.

²⁴ «Uma palavra de Deus para a Igreja» (Pio XI, *Discurso* de 30/4/1923).

²⁵ R. Llamas, *La Biblia, fuente espiritual en la vida y en el mensaje de Santa Teresa de Lisieux*, em *Eph. Carm.* 32 (1981), 125-153.

²⁶ Ms A, 83 vº; Ms C, 36 vº. «O Evangelho é o que a sustém e alimenta espiritualmente na sua vida de simplicidade...Ela dedicou-se activamente a aprofundar na compreensão da Palavra de Deus. Não foi uma simples leitora da Palavra de Deus. Era uma leitora contemplativa, lia com fé e amor. Guardava os textos no seu coração, ruminava-os e aprofundava-os na sua compreensão e aplicação à vida. Se o Senhor lhe comunicava sempre novas luzes e lhe abre os segredos de sua Palavra é porque ela está entregue plenamente à meditação amorosa, sincera e profunda da mesma» (R. Llamas, *op. cit.*, pp. 281-289).

²⁷ D.V. 21. Além disso, é «a alma da S. Teologia» (D.V. 24) e da «vida espiritual» (D.V. 26). Cf. ainda J. Paulo II, *VC*, 94. Cf. ainda G. Helewa, «La Bibbia sorgente della spiritualità teresiana», em *Teresa de Lisieux. Esperienza e messaggio*, em *Teresianum* 1973.

²⁸ Ms C, 4 rº. «A vida de Santa Teresa do Menino Jesus não se compreende sem o Evangelho»

escutou» (1Re 3, 10), numa «ouvinte da Palavra» que «guardou a palavra de Jesus, que é o mesmo Jesus»²⁹, no espírito do silêncio, ao longo do dia.

«Compreendo e sei por experiência «que o reino de Deus está dentro de nós». Jesus não precisa de livros nem de doutores para instruir as almas; Ele, o Doutor dos doutores, ensina sem ruído de palavras... Nunca o ouvi falar, mas sinto que está em mim, a cada instante, Ele me guia e inspira o que devo dizer ou fazer. Descubro exactamente na hora em que preciso delas, luzes que nunca antes vira, mas não é habitualmente durante a oração que são mais abundantes, é sobretudo no meio das ocupações do dia»³⁰.

Contudo, se «a Palavra há-de ser ouvida no silêncio da alma»³¹, ela, como boa discípula de seu mestre, deixou-se ensinar secretamente pelo Mestre.

«Sem se mostrar, sem fazer ouvir a sua voz, Jesus instrui-me em segredo; não é, porém, por meio de livros, pois não compreendo o que leio, ainda que de vez em quando vem consolar-me uma palavra como esta que recolhi ao fim da oração (depois de ter permanecido no silêncio e na segura): «Eis o mestre que te dou, ele te ensinará tudo o que deves fazer. Quero levar-te a ler no livro da vida, onde está contida a ciência do Amor... Jesus compraz-se em mostrar-me o único caminho que conduz a esta fornalha Divina, este caminho é o *abandono* da criancinha que se deixa dormir sem temor nos braços do Pai»³².

Por isso, é que ela, no Espírito, disse esta mesma Palavra a Deus e aos outros³³. Reside aqui, a nosso parecer, o fundamento teológico da «actualidade» de Teresa de Lisieux. Ela é sempre contemporânea da Palavra de Deus aos homens, enquanto convertida ela própria em palavra de Deus para os homens de hoje e de amanhã³⁴. Aliás, é na fidelidade de Deus à sua palavra de salvação universal, que ela se apoiou sempre, quer em ordem à sua santificação quer à do mundo: «O Todo-Poderoso deu-lhes, como ponto de apoio: *Ele Mesmo* e *Ele só*; e como alavanca: a oração, que abraça com fogo de amor. E foi assim que levantaram o mundo»³⁵.

(R. Llamas, *Santa Teresita y su experiencia de la Palabra de Dios*, em *Rev. de Espirit.* 55 (1996) p. 267).

²⁹ Ct 165.

³⁰ Ms A, 83 vº. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 127.

³¹ S. João da Cruz, 2 S 22,3-6; D. 104.

³² Ms B, 1 rº.

³³ J. Lafrance, *o.c.*, p. 227.

³⁴ «Desde a sua experiência da Palavra de Deus, converteu-se ela própria em palavra de Deus para a Igreja» (Pio XI, *Discurso* de 30/4/1923).

³⁵ Ms C, 36 vº.

Vemos assim como a oração no Espírito é nela fonte do seu génio teórico-prático, isto é, daquela «ciência de amor» que «levanta o mundo». Nela recebeu toda a inspiração que Deus lhe quis segredar, como que «pondo nela as palavras da sua boca» para ela no-las comunicar, como realizadas nela e, como tal, também passíveis de se cumprirem em nós, mediante o nosso consentimento. Está aqui, em nossa opinião, toda a sua «teologia do desejo»³⁶, devedora tanto a Jesus³⁷, quanto a João da Cruz³⁸, base da sua confiança de vir a ser santa: «Deus não poderia inspirar desejos irrealizáveis, posso, portanto, aspirar à santidade, apesar da minha pequenez»³⁹. Nesta ordem de ideias, entende-se que a actualidade da mensagem de Teresa de Lisieux, se condense numa «volta às origens», num convite ao essencial do Evangelho⁴⁰.

«A sua missão consistiu em recordar-nos o *essencial* da mensagem cristã: que Deus é amor e que se entrega gratuitamente aos evangélicamente pobres; que a santidade não é fruto dos nossos esforços, mas da acção divina, que apenas nos pede um abandono amoroso à sua graça salvadora. Por isso, os seus ensinamentos não perderam actualidade e tiveram uma influência tal, que mais de trinta Conferências episcopais e milhares de cristãos pediram que seja declarada *Doutora da Igreja*»⁴¹.

Esta eclesialidade de Teresa é, por assim dizer, sempre de suma actualidade, pois uma vez descoberto, ou antes, dado, o seu lugar na Igreja, será sempre, do Coração da Igreja, onde ela é o Amor, e, ao mesmo tempo, será tudo, porque o Amor é tudo, que Teresa, transcendendo o espaço e o tempo, é e será contemporânea de todas as gerações.

³⁶ «O bom Deus fez-me sempre desejar o que me queria dar» (CA 13.7.15). «Ele fez-me sempre desejar o que me queria dar. Começará Ele no Céu a não colmar mais os meus desejos?» (Ct 253). «Ah, o Senhor é tão bom para mim que me é impossível temê-lo; concedeu-me sempre o que desejei, ou melhor, fez-me sempre desejar o que me queria dar» (Ms C, 31 r^o). «Será preciso que o bom Deus faça todas as minhas vontades no Céu, porque eu nunca fiz a minha vontade na terra» (CA 13.7.2). «O bom Deus não me daria este desejo de fazer bem na terra depois da minha morte, se não o quisesse realizar; dar-me-ia antes o desejo de repousar nele» (CA 18.7.1). «Se um desejo logo expresso é assim colmado, é impossível então que todos os meus grandes desejos de que falo tantas vezes ao bom Deus não sejam completamente atendidos» (CA 16.7.2).

³⁷ «O seu Divino Filho, meu Esposo, Bem-Amado, nos dias da sua vida mortal disse-nos: «Tudo o que pedirdes a meu Pai em meu nome ele vo-lo concederá!». Estou portanto certa de que ouvireis os meus desejos; bem o sei, ó meu Deus, quanto mais quereis dar, tanto mais fazeis desejar» (Or 6).

³⁸ «Quanto mais quer dar, tanto mais faz desejar, até deixar-nos vazios para nos encher de bens» (Ct 15).

³⁹ Ms C, 2 v^o.

⁴⁰ «Ela constitui, para as nossas consciências modernas, a prova experimental de que o Evangelho é verdade» (A. Combes, *Santa Teresa de Lisieux y su Misión*, San Sebastian, 1957, p. 295). Consulte-se ainda P. Liagre, *Una espiritualidad evangélica* (Teresa de Lisieux), EDE, Madrid, 1985.

⁴¹ *Carta Circular...*, n.2. «A palavra que, de Lisieux, Deus dirige ao mundo ressoa hoje com mais calma, mais profundidade, mais pureza» (C. Meester, *Dynamique de la confiance*, Cerf, Paris, 1995, p. 21).

«Sinto que vou entrar no repouso...Mas sinto sobretudo que *a minha missão vai começar*, a minha missão de fazer amar o bom Deus como eu o amo, de dar o meu pequeno caminho às almas. Se o bom Deus escuta os meus desejos, o meu Céu será passado *na terra até ao fim do mundo*. Sim, quero passar o meu Céu a fazer bem na terra»⁴².

Entendamos esta actividade missionária póstuma como deve ser compreendida, a saber, como «sinergia» divina e teresiana: «Jesus faz tudo, eu não faço nada»⁴³, e sempre para dentro do Coração da Igreja: «Se soubesses como faço projectos, como farei coisas quando estiver no Céu...*Começarei a minha missão*...Projectos de voltar para as minhas irmãs e de ir lá longe para ajudar os missionários...»⁴⁴. Embora seja uma missão desde fora do tempo, realiza-se no tempo da Igreja⁴⁵, todo ele tempo de salvação: «Não posso fazer uma festa de gozo, não posso repousar enquanto houver almas para salvar...Porém, quando o Anjo disser: «O tempo já não existe!», então, repousarei, poderei gozar, porque o número dos eleitos estará completo e todos terão entrado na alegria e no repouso. O meu coração estremece com este pensamento...»⁴⁶.

⁴² CA 17.7. Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 956. «Espero bem não ficar inactiva no Céu, o meu desejo é de trabalhar ainda pela Igreja e pelas almas, peço-o ao bom Deus e estou certa que Ele me atenderá. Os Anjos não estão continuamente ocupados de nós sem nunca cessar de ver a Face divina, de se perder no Oceano sem margens do Amor? Porquê não me permitirá Jesus de os imitar?»(Ct 254). Com a sua «missão de fazer amar o bom Deus e de dar o seu pequeno caminho às almas (CA 17.7), Teresa permanece *mais actual que nunca* : o título de Padroeira das missões...é um reconhecimento oficial de *uma missão ainda em realização*» (P.M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Docteur de la vie mystique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Ed. du Carmel, Venasque, 1990, p. 325).

⁴³ Ct 142.

⁴⁴ UC/ MSC 13. «Não posso pensar muito na felicidade que me espera no Céu; uma só espera faz bater o meu coração, é o amor que receberei e o que poderei dar. E depois em todo o bem que queria fazer depois da minha morte: fazer baptizar as crianças, ajudar os sacerdotes, os missionários, *toda a Igreja*...e, especialmente, consolar as minhas irmãs» (CA 13.7.17). «Crede, meu Irmão, que a vossa irmãzinha cumprirá as suas promessas, e que, com alegria, a sua alma, liberta do peso do envelope mortal, voará para as regiões longínquas que evangelizais. Ah, meu irmão, sinto-o, ser-vos-ei muito mais útil no Céu que na terra» (Ct 254).

⁴⁵ «Enquanto estás nos ferros, *não podes cumprir a tua missão*; mais tarde, *depois da tua morte*, será o tempo dos teus trabalhos e das tuas conquistas» (CA 10.8.4.). «Estamos no começo das maravilhas de Teresa e no terceiro milénio veremos grandes coisas» (P.M.Eugénio,1935).

⁴⁶ CA 17.7.

O meu lugar na Igreja

Ela tem a certeza de que a sua missão celeste se realizará abundantemente: «Todas as minhas esperanças serão totalmente cumpridas, pois, Deus fará por mim maravilhas que ultrapassam os meus desejos infinitos»⁴⁷. Parece-nos, no entanto, que a sua relação inicial com o mundo, não me refiro à sua família, foi mais «acósmica» que «cósmica», no sentido de que ao conhecê-lo como « vaidade que passa »⁴⁸, cedo começou a praticar activamente a « fuga mundi »⁴⁹, e a orientar-se livremente para Deus que, entretanto, purificava já a sua afectividade, já por ela consagrada radicalmente⁵⁰. Na opinião dela, a sua passagem da «cosmopatia» à «teopatia» era obra e graça da misericórdia⁵¹, a óptica com que viu a Deus e com que foi vista por Deus⁵². Não admira que recebesse a graça de ver o homem na perspectiva da misericórdia. Na parábola do «bom médico» expõe o seu pensamento sobre a maior misericórdia do Pai para consigo do que para os pecadores.

«Suponho que o filho de um grande médico encontra no caminho uma pedra que o faz cair, e que, na queda, ele fractura um membro. O pai acorre imediatamente, levanta-o com amor, trata das feridas, empregando para tal todos os recursos da sua arte. Uma vez

⁴⁷ Ct 230. É a sua conhecida «chuva de rosas» (OPT,M. Inês, Maio; M.da Trindade, Agosto).

⁴⁸ Ms A, 55 vº.

⁴⁹ «Deus concedeu-me a graça de não conhecer o *mundo* senão exactamente o necessário para o desprezar e afastar dele. Poderia dizer que foi durante a minha estadia em Alençon que fiz a minha *primeira entrada no mundo*...Vejo que debaixo do Sol tudo é vaidade e aflição de espírito...que o único bem é amar a Deus com todo o coração e ser cá na terra pobre em espírito...Jesus quis talvez mostrar-me o mundo antes da *primeira visita* que me devia fazer a fim de que eu escolhesse mais livremente o caminho que devia prometer-lhe seguir» (Ms A, 32 vº).

⁵⁰ «Considero isto como uma grande graça, pois, querendo Deus o meu coração só para Si, começava a ouvir a minha súplica «transformando em amargura as consolações da terra»...O meu amor não era compreendido, bem o senti e não *mendiguei* a afeição que me era recusada...Quanto agradeço a Jesus não me ter feito encontrar «senão amargura nas amizades da terra»! Com um coração como o meu, ter-me-ia deixado prender e cortar as asas, como poderia então «voar e repousar»? Como pode um coração entregue ao afecto das criaturas unir-se intimamente a Deus?...Penso que não é possível...Não tenho portanto mérito nenhum em me não ter entregado ao amor das criaturas, pois dele não fui preservada senão por grande misericórdia de Deus!...»(Ms A, 38 rº-38 vº).

⁵¹ Ms A, 83 vº.

⁵² «Sei também que Jesus me *remiu mais* do que a *Sta. Madalena*, pois me remiu *antecipadamente*, preservando-me de cair» (Ms A, 38 vº). «Deus mostrou-me a mesma misericórdia que mostrou ao rei Salomão. Não quis que eu tivesse um só desejo que não fosse satisfeito» (Ms A, 81 rº).

completamente curado, o filho testemunha-lhe o seu reconhecimento. Sem dúvida, esse filho tem muita razão para amar o pai! Mas vou fazer ainda outra suposição: Tendo o pai sabido que no caminho do filho havia uma pedra, apressa-se a ir à frente dele e retira-a, sem ser visto por ninguém. Certamente, este filho, objecto da sua previdente ternura, não SABENDO a desgraça de que o pai o livrou, não lhe testemunhará o seu reconhecimento, e *amá-lo-á menos* do que se tivesse sido curado por ele... Mas, se vier a saber o perigo do qual escapou, não *o amará ainda mais*? Pois bem, eu sou essa filha, objecto do amor previdente de um *Pai* que não enviou o seu Verbo para resgatar os *justos* mas os *pecadores*. Quer que *O ame*, porque me *perdoou*, não muito, mas *tudo*. Não esperou que eu *O amasse muito* como Santa Madalena, mas quis que eu *Soubesse* como me tinha amado com um amor de inefável providência, para que agora *O ame loucamente!*... Ouvi dizer que nunca se encontrou uma alma pura que amasse mais do que uma alma arrependida. Ah! como gostaria de desmentir essa palavra!...»⁵³

Estamos ante a sua versão da parábola do filho pródigo (Lc 15, 20-24), em que Teresa se apresenta a si mesma, não propriamente como o filho pródigo⁵⁴, nem como o filho mais velho, mas como «o terceiro irmão» que «encontrou o seu lugar na Igreja»⁵⁵, que participa do amor e dor do Pai das misericórdias na espera dos irmãos perdidos, trabalhando e rezando pela salvação dos pecadores⁵⁶, em especial «os irmãos pecadores» que pecam contra a fé⁵⁷, ou dizendo aos de casa que o Amor não é amado⁵⁸, ou amando pelos que não só não O amam, mas ainda O ofendem⁵⁹, incutindo mesmo o máximo de confiança possível na misericórdia de Jesus.

⁵³ Ms A, 39 rº.

⁵⁴ Eis a sua consciência de «justa», de ovelha fiel: «Mas depois de tudo ela não é o filho pródigo, não vale a pena que Jesus lhe faça um festim «pois ela está sempre com Ele». Nosso Senhor quer deixar «as ovelhas fiéis no deserto». Como isto me diz muito!...Ele está *seguro delas*; não mais poderão afastar-se porque estão cativas do amor, assim Jesus retira-lhes a sua presença sensível para dar as suas consolações aos pecadores» (Ct 142).

⁵⁵ «No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor» (Ms B, 3 vº); «Sou filha da Igreja» (Ms B, 4 rº); «Amo a Igreja, minha Mãe» (Ms B, 4 vº).

⁵⁶ «Orar pelos pecadores fascinava-me...» (Ms A, 56 rº).

⁵⁷ Ms C, 7 rº.

⁵⁸ «Ah, mais do que nunca o sinto Jesus está *com sede*, não encontra senão ingratos e indiferentes entre os discípulos do mundo e entre os *discípulos dele* encontra, infelizmente, poucos corações que se lhe entreguem sem reserva, que compreendam toda a ternura do seu Amor infinito» (Ms B, 1 vº; CA 7.8.2; Or 4; Ct 122).

⁵⁹ «Se soubesses quanto o bom Deus é ofendido! A tua alma está feita para o consolar...ama-o até à *loucura* por todos os que não o amam!...» (Ct 93).

«Bem o sinto, mesmo que me pesassem na consciência todos os pecados que se podem cometer, iria, com o coração despedaçado de arrependimento, lançar-me nos braços de Jesus, pois sei quanto ama o filho pródigo que volta a Ele. Não é porque Deus, em sua *previdente* misericórdia, preservou a minha alma do pecado mortal que me elevo para Ele pela confiança e pelo amor»⁶⁰.

Teresa, que viveu esta confiança em Jesus, se podemos dizer, ao máximo⁶¹, quer confiar-nos o seu tesouro, esta confiança que acaba com o temor e leva ao Amor, esperança actual para todos os que aspiram a ser santos na comunhão do amor de Deus: «Ah, se todas as almas fracas e imperfeitas, sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas, a alma da vossa Teresinha, nenhuma desesperaria de chegar ao cimo da montanha do amor, porque Jesus não nos pede grandes acções, mas apenas o abandono e o reconhecimento»⁶².

Por outro lado, provada no sofrimento⁶³, único que educa os homens⁶⁴, e provada na noite da fé como nós, na coragem de uma esperança vencedora e no amor e dor pelo mundo, esta «alma amiga»⁶⁵, esta nossa «irmã» pela oração e sacrifício⁶⁶, esta «mãe das almas»⁶⁷, encaminha-nos, com o seu «olhar simples lançado para o Céu»⁶⁸, para «a prática da familiaridade com Jesus»⁶⁹, em cuja Face devemos descobrir o rosto paterno e materno de Deus, que a todos nos filia consigo, no amor, bem como nos irmana uns com os outros, no amor fraterno⁷⁰.

⁶⁰ Ms C, 36 vº. «A sua experiência e ensinamento da Justiça de Deus como amor e misericórdia (Ms A, 83 vº) é de *uma actualidade assombrosa*. Reduzir tudo ao amor, dá-lhe *uma actualidade* de palavra de Deus singular» (R. Llamas, *Santa Teresita y su experiencia de la palabra de Dios*, p. 321).

⁶¹ «O que lhe agrada é *ver-me amar a minha* pequenez e a minha *pobreza*, é a *esperança cega que tenho na sua misericórdia*... Eis o meu único tesouro. Madrinha querida, porquê este tesouro não será o seu?» (Ct 197).

⁶² Ms B, 1 vº.

⁶³ A sua vida foi «uma existência sofrida» (A. Combes, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus et la souffrance*, Vrin, 1948), «uma paixão escondida» (G. Gaucher, *La Passion de Thérèse de Lisieux*, Cerf DBB 1972).

⁶⁴ Ms A, 81 rº.

⁶⁵ Ct 261.

⁶⁶ «Ah, é a oração, é o sacrifício que constituem toda a minha força, são as armas invencíveis que Jesus me deu, podem tocar as almas muito mais que as palavras»(Ms C, 24 vº).

⁶⁷ «Ser tua *esposa*, ó Jesus, ser *carmelita*, ser pela união contigo a *mãe das almas*» (Ms B, 1 vº; Cf. ainda J.Paulo II, VC n. 72). «A nossa missão como carmelitas é formar os operários evangélicos que salvarão milhões de almas de que seremos *as mães*» (Ct 135).

⁶⁸ Ms C, 25 rº-25 vº; Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2558.

⁶⁹ Ct 258.

⁷⁰ «Quanto mais estou unida a Ele, tanto mais amo também todas as irmãs»(Ms C, 12 vº). Ela foi, de verdade, um «sinal de fraternidade» na sua Comunidade de Lisieux (Cf. todo o Ms C).

Profeta de tempos novos

Ora esta palavra de Deus não passa (Mc 13, 31), ainda que passe o cenário e a cena, a glória e a figura deste mundo (1 Co 7, 31), com «o declinar das sombras»(Cânt 4, 6). Porém, quem faz esta vontade de Deus «permanece eternamente»(1 Jo 2, 17), como é o caso de Teresa: «Estou contente com tudo o que o bom Deus faz, não desejo senão a sua vontade»⁷¹. Com todo este peso de teologalidade às costas, de fé provada, de esperança só em Deus, de amor infinito, que «não passará» (1 Co 13,8) e «tudo espera»(1 Co 13, 7), bem pode ela ser profeta de tempos novos⁷², às portas do terceiro milénio, nalguns pontos da ciência teológica e na vida espiritual da Igreja⁷³.

1. *Guia para a Santidade*. A doutrina de Teresa é toda ela uma *pedagogia para a santidade*⁷⁴, apresentada como «caminho de confiança e de amor»⁷⁵, aberto e acessível à totalidade dos baptizados, no seguimento de Jesus, a exemplo de Maria, na linha da *vocação universal*

⁷¹ CA 10.6.1.

⁷² «Deus formou-a como a um seu *profeta*, como se a tivesse enviado à Igreja para superar um momento difícil da mesma, com a S. Escritura na mão, especialmente o Evangelho, como alimento da sua vida espiritual. Ao pôr o Evangelho no *centro da sua vida*, Teresa indica à Igreja o caminho a seguir. A sua força e *actualidade de palavra de Deus para hoje* radica em não querer mais que o Evangelho» (R. Llamas, *La Biblia*, p. 324).

⁷³ «O retorno ao Evangelho; a chamada ao essencial na noção de santidade; a relatividade das suas manifestações exteriores e dos meios extraordinários (desmitizou o conceito de santidade de seu tempo); o apelo da vocação universal à santidade, mesmo para o homem «pequeno»; o acento posto na misericórdia de Deus; a revalorização da esperança; o sentido eclesial; a responsabilidade recíproca; a interacção na Igreja» (C. Meester, *o.c.*, p. 37).

⁷⁴ É «uma representante eminente da santidade da Igreja» (C. Meester, *o.c.*, p.43).«É importante apresentar aos homens do nosso tempo uma santidade encarnada, onde se possa ler a actuação de Cristo no mais profundo da pessoa, santificando-a pela graça do seu Espírito» (J. Lafrance, *o.c.*,p.224). Não para uma santidade medíocre - «não quero ser *santa a médias*» (Ms A, 10 vº) - , mas para uma santidade magnânime: «o bom Deus chama-te a ser uma grande santa permanecendo *pequena* e sendo-o mais cada dia» (Ct 242). É o caso de Teresa mesma que deseja ser uma grande santa na sua pequenez: «Posso aspirar à santidade apesar da minha pequenez....Para isso, não preciso de crescer, ao contrário, é preciso que fique *pequena*, que o seja cada vez mais» (Ms C, 2vº-3 rº). Ainda: «Fez-me compreender que a minha glória não apareceria aos olhos mortais, que consistiria em fazer-me uma grande *Santa!!!*...Este desejo poderá parecer temerário se se tem em conta quanto era fraca e imperfeita e quanto o sou ainda depois de sete anos passados em religião, eu porém sinto sempre a mesma confiança audaciosa de me fazer uma grande Santa, pois não conto com os meus méritos, não tendo *nenhum*, mas espero n'Aquele que é a Virtude, a Própria Santidade. É Ele só que, contentando-se com os meus fracos esforços, me elevará até Ele e, cobrindo-me com seus méritos infinitos, me fará Santa»(Ms A, 32 rº). «Desejo ser Santa, mas sinto a minha impotência e peço-vos, ó meu Deus, que sejais vós mesmo a minha *Santidade*» (Or 6).

⁷⁵ Ct 258.

à *santidade*, assumida pelo Concílio Vaticano II, no capítulo V da *Lumen Gentium*⁷⁶.

2. *Palavra sobre o Amor*. Nos dias de hoje, Teresa é considerada *uma das maiores teólogas do Amor*⁷⁷ por causa da sua hermenêutica cristológica do coração da revelação⁷⁸: «Deus é Amor» (1 Jo 4,8). É a razão de ser apelidada «Doutora do Amor», melhor ainda, «Doutora do Amor de Jesus», porque o Jesus de Teresa é «o Jesus da paz e do amor»⁷⁹, inseparavelmente o Jesus amante e o Jesus amado, que a ela a instruiu nas «*coisas do seu amor*»⁸⁰, na «ciência do Amor»⁸¹, na oração, «o ofício do amor»⁸². Ora, porque «ninguém pode viver sem amor»⁸³ e porque «só o amor é digno de fé»⁸⁴, necessitamos de fiar-nos na palavra de Teresa sobre o amor, na sua simplicidade e profundidade⁸⁵, para que ela nos convença da sem-razão de «ter medo de um tão terno Amigo» e, como ela, «O amemos, porque Ele não é senão amor e misericórdia».

«Às portas do terceiro milénio, o homem mais do que nunca, tem necessidade de encontrar razões para viver. Ora, o amor é a razão mais fundamental de viver. O mundo da não-crença só pode ser desmantelado pela força do Amor»⁸⁶.

⁷⁶ É a teresiana «legião» de pequenas almas (Ms B, 5v^o). «A palavra que Deus disse, por meio de Teresa, ao nosso tempo, centra-se na *noção* da santidade, no *caminho* que a ela conduz, no *meio* evangélico em que ela se realiza...a confiança é o *centro* do caminho para a santidade» (C. Meester, *o.c.*, pp. 37.43).

⁷⁷ «Será uma grande *teóloga*?...a pequena Teresa é uma grandíssima teóloga espiritual, porque o seu olhar penetrou em Deus em tais *profundidades*, viu numa tão grande claridade o caminho que a ele conduz que pode exprimir as suas descobertas numa linguagem de uma *simplicidade* de criança. Possuiu em alto grau a ciência da salvação e comunicou-a com uma rara perfeição» (P.M. Eugène de l'E.J., *Ton amour a grandi avec moi*, Ed. du Carmel, Venasque, 1987, pp. 121-122). «Teresa é a *teóloga* enviada por Deus para o nosso tempo..., é a doutora do sonho místico do século XXI» (Frère Ephraïm). «A espiritualidade de Teresa é uma espiritualidade do século XXI, para o terceiro milénio» (J.F. Six, *Una luz en le noche. Los 18 últimos meses de Teresa de Lisieux*, Madrid, 1996, p. 14).

⁷⁸ «A sua interpretação do Evangelho, na letra e no Espírito, como comunhão no Amor de Jesus, representa o máximo de hermenêutica eclesial» (F.M. Léthel, *a.c.*, p. 116).

⁷⁹ Ct 92. ⁸⁰ Ms A, 49 r^o. ⁸¹ Ms B, 1 r^o. ⁸² Ms B, 5 r^o.

⁸³ João Paulo II, *Redemptor Hominis*, n. 10.

⁸⁴ H.U. von Balthasar, *Solo el amor es digno de fe*, Herder, Barcelona, 1989.

⁸⁵ «Porque a mensagem de Teresa vem da profundidade essencial do coração humano, alcança-o na mesma profundidade...O coração humano tem necessidade infinita de amar e ser amado e somente o amor de Jesus o pode contentar» (F.M. Léthel, *a.c.*, p. 125).

⁸⁶ P. Poupard, *Thérèse de Lisieux: La force de l'amour pour le monde de l'incroyance*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p.298.

Teresa aceitou o desafio de ser instrumento do amor de Deus, precisamente lá onde ele não é nem sequer acreditado, quanto mais amado.

«Em Deus, Teresa descobriu a fonte do amor. Na Igreja, saboreou o rio incessante que corre pelo seu canal. É no coração da Igreja que mata a sua sede. É do coração da Igreja que vai contribuir para expandir estas ondas do amor infinito sobre os mais afastados, sobre os que delas estão privados, os pecadores; sobre os que as rejeitam, os ateus; sobre os que as ignoram, os indiferentes. Só a força do amor pode abater o muro da indiferença e fazer cair todas as não-crenças, todos os mal-crentes, todos os ateísmos. Como revelar aos nossos contemporâneos a presença actuante do amor de Deus por eles? Como dizer ao homem sedento de felicidade, que Deus, e só Deus, quer e pode dar-lhe em plenitude aquilo a que aspiram o seu coração e o seu espírito, sem nunca o poder conquistar? Às questões do mundo da não-crença, Teresa aporta a única resposta válida, porque vem de Deus: o Amor, um amor crucificado, o amor imolado»⁸⁷.

3. *Tudo será para Ele*. Teresa é radicalmente cristocêntrica⁸⁸: «Visto que não posso encontrar *nenhuma* criatura que me contente, quero dar tudo a Jesus, não quero dar à criatura nem um *átomo* do meu amor...Ele quer que *tudo* seja para ele!...Pois bem, *tudo* será para ele, tudo, mesmo quando sinta que nada lhe posso oferecer, então, como esta tarde, dar-lhe-ei este *nada*»⁸⁹. Aproxima-se do Cristo pobre de S. Francisco de Assis⁹⁰ e do Verbo Encarnado do Cardeal Bérulle⁹¹. A sua é acima de tudo uma teologia simbólica. A «pequena flor» comunga amorosamente da «Flor dos campos» nos mistérios do seu abaixamento, desde a Encarnação à Cruz⁹². A «rosa desfolhada»⁹³ praticou uma contemplação «crística» de toda a realidade – «só a Ele é preciso ver em tudo» –, realidade que, em si, é «crístófora» – «tudo nos leva a Ele»⁹⁴ –, como o são

⁸⁷ *Ibid.*, p. 310.

⁸⁸ C. de Meester, *o.c.*, p. 39.

⁸⁹ Ct 76. Escreve ela a Celina: «Jesus pede-te tudo, tudo, tudo...» (Ct 57). Teresa, para quem, na linha de S. João da Cruz - «Cristo é meu e *todo* para mim» (D. 31) -, Jesus é o seu *todo* (Ct 76; 93; 122; 132), relembra-nos sempre: «É do vosso coração / Que Jesus quer a melodia» (RP 5, 1vº). «Tu Jesus sê *tudo!*» (Or 2). «Teresa de Lisieux é radicalmente a Santa de Jesus» (A. Combes, *L'Amour de Jésus chez Sainte Thérèse de Lisieux*, Paris, Saint-Paul, 1951, p.165).

⁹⁰ R. de Papiol, *A fisionomia franciscana de Santa Teresinha do Menino Jesus*, Porto, 1948.

⁹¹ Cf. S-M. Morgain, *Pierre de Bérulle et les Carmélites de France. La querelle du gouvernement, 1583-1629*. Paris, Cerf, 1995 e a sua respectiva crítica por parte de J. Urkiza, *Una pagina importante de la historia de la Iglesia francesa (Comentario crítico a «Pierre de Bérulle et les Carmélites de France»)*, em Monte Carmelo, nn. 1-2, Burgos, 1996, 85-145).

⁹² Ct 141.

⁹³ P. 51.

⁹⁴ Ct 149.

Maria e Teresa⁹⁵. O Espírito fê-la contemplar em Jesus o Amor Misericordioso do Pai, o desejo de Jesus ser amado numa «verdadeira troca de amor», uma vez que «o amor só se paga com amor»⁹⁶. Podemos segui-la na sua contemplação de Jesus, meditando a «vida evangélica de Cristo»⁹⁷, ao ritmo das 33 estrofas do poema *Jesus meu Bem-Amado, recorda-te*, que Teresa compôs para Celina, como «vida poética de Jesus»⁹⁸.

4. *Um sermão sobre a Santíssima Virgem*. A sua doutrina mariológica, ao mesmo tempo cristotípica, porque contempla a grandeza e a pequenez de Jesus junta com a de Maria⁹⁹ e eclesiotípica, porque a apresenta como «exemplo da alma que procura o Senhor na noite da fé»¹⁰⁰, é profundamente bíblica: «Para que um sermão sobre a Santíssima Virgem me agrade e me faça bem, é preciso que eu veja a sua vida real, não a suposta»¹⁰¹. De facto, o poema *Porque te amo, ó Maria*, espécie de meditação evangélica da vida de Maria – «Meditando tua vida no santo Evangelho»¹⁰² –, é o compêndio da sua fé mariana: «contém tudo o que eu pregaria sobre ela»¹⁰³, que «vivía de fé como nós». Este aspecto do «peregrinar na fé» foi recentemente realçado por João Paulo II na sua encíclica *Redemptoris Mater*.

5. *O meu lugar na Igreja*. Teresa, também ela «filha da Igreja», ao sobrepassar a eclesiologia paulina dos capítulos 12 e 13 da primeira carta de S. Paulo aos Coríntios, contribuiu de um modo excepcional para o descobrimento do Mistério de Igreja, que «tem por lei o mandamento novo de amar como Cristo amou»¹⁰⁴.

«A caridade deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo, composto por diferentes membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos, compreendi que a Igreja tinha um Coração, e que este Coração estava ardendo de Amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja... Compreendi que o Amor englobava todas as vocações, que o Amor era tudo, que abraçava todos os tempos e todos os lugares...numa palavra que é Eterno!... Então... gritei: Ó Jesus, meu Amor...encontrei finalmente a minha vocação, a minha vocação é o Amor!...Sim encontrei o meu lugar na Igreja...No Coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... assim serei tudo»¹⁰⁵.

⁹⁵ RP 8, 6 r.^o.

⁹⁶ Ms A, 85 v.^o.

⁹⁷ Ms A, 83 v.^o.

⁹⁸ P. 24.

⁹⁹ P. 54, 9.

¹⁰⁰ P. 54, 15.

¹⁰¹ CA 21.8.3.

¹⁰² P. 54, 2.

¹⁰³ CA 21.8.3.

¹⁰⁴ L.G. 9.

¹⁰⁵ Ms B, 3 v.^o.

Nesta «eclesiologia do amor» importa ainda notar o ensinamento de Teresa sobre os *Sacramentos*, particularmente o da *Eucaristia*, obra-prima do amor de Jesus : «És tu que continuas ainda no vale de lágrimas, escondido sob a aparência duma hóstia branca...Águia Eterna, queres alimentar-me com a tua substância, a mim, pobre e pequeno ser, que voltaria ao nada se o teu divino olhar me não comunicasse a vida a cada instante»¹⁰⁶. Em relação ainda com a Eucaristia é necessário prestar atenção ao seu alto apreço e ensino sobre o *Sacerdócio ministerial*, tendo em conta a sua específica vocação carmelitana de orar pelos sacerdotes¹⁰⁷, para que, segundo a vontade de Jesus, sejam santos¹⁰⁸ e, assim, obtenham uma maior fecundidade apostólica no seu ministério¹⁰⁹.

«Sinto em mim a vocação de *Sacerdote*; com que amor, ó Jesus, te havia de levar nas minhas mãos quando, à minha voz, descesses do Céu...Com que amor te daria às almas!...Mas infelizmente, mesmo desejando ser *Sacerdote*, admiro e invejo a humildade de S. Francisco de Assis e sinto a vocação de o imitar recusando a sublime dignidade do *Sacerdócio*»¹¹⁰.

Dentro ainda da eclesiologia, convém sublinhar o aspecto da *dimensão missionária* da doutrina teresiana, nascida de uma vida contemplativa, toda ela orientada apostolicamente para a missão¹¹¹.

« A coisa mais importante no grande Santo é a sua missão, o novo carisma dado pelo Espírito à Igreja (...). A coisa principal nele não é «a obra» pessoal «heróica», mas a decidida obediência com que de uma vez para sempre se pôs ao serviço de uma missão, concebendo toda a sua existência em função da mesma.

¹⁰⁶ Ms B, 5 vº. Teresa «contemplou o mistério do amor, isto é, o doce Jesus da Eucaristia... o *Deus Misericordioso*, o *Jesus da EUCARISTIA*» (Ct 234). «O Deus da Eucaristia, o Bem-Amado Senhor Jesus» (RP 8, 5rº). A Eucaristia é «o último limite do teu amor» e «o coração da esposa refugia-se junto do sacrário do teu amor» (RP 2, 5vº). «Agora é na Hóstia que vos vejo pôr o cúmulo dos vossos aniquilamentos...Ó meu Bem-Amado, sob o véu da branca Hóstia como me apareceis doce e humilde de coração» (Or 2).

¹⁰⁷ Ms A, 56 rº ¹⁰⁸ RP 2, 13-14. ¹⁰⁹ Ct 135. ¹¹⁰ Ms B, 2 vº.

¹¹¹ «Sabe que uma carmelita que não seja apóstolo afasta-se do fim da sua vocação e cessaria de ser filha da Seráfica Santa Teresa que desejava dar mil vidas para salvar uma só alma» (Ct 198). No seu apostolado da oração, teve um cuidado especial em «formar os operários evangélicos» (Ct 135). No dia da sua profissão religiosa escreve: «Dizendo ao mundo um eterno adeus, o seu único fim era salvar almas, sobretudo, as almas apostólicas. A Jesus, seu Esposo divino, ela pediu particularmente uma alma apostólica» (Ct 201). Teresa, consagrada desde jovem para a missão, amando até ao fim com o Coração de Cristo (P 24, 31), converteu-se num ícone de Jesus misericordioso, e tornou-se, pelo seu serviço de caridade, uma epifania do amor misericordioso de Deus no mundo, em superabundância de gratuidade (Ct 169).

Importa evidenciar o que ele próprio quis evidenciar, isto é, a sua missão»¹¹².

É o Espírito quem a envia em missão em todo o tempo e lugar:

«Ah, apesar da minha pequenez, queria iluminar as almas como os *Profetas, os Doutores*, tenho a *vocação de ser Apóstolo...* queria percorrer a terra, pregar o teu nome e plantar no solo infiel a tua Cruz gloriosa, porém, ó meu *Bem-Amado*, uma só missão não me bastaria, queria ao mesmo tempo anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e mesmo nas ilhas mais afastadas...Queria ser Missionário não apenas durante alguns anos, mas queria tê-lo sido desde a criação do mundo e sê-lo até à consumação dos séculos...Mas acima de tudo queria, ó meu Bem-Amado Salvador, queria derramar o sangue por ti até à última gota...»¹¹³.

E o Espírito fez a Igreja reconhecer nela que «o Espírito Santo é o único missionário»¹¹⁴ que «inspira a vocação missionária no coração de cada um»¹¹⁵ e que, portanto, também a chamou a ela a uma vocação missionária no Carmelo¹¹⁶ e, uma vez no Carmelo, chamou-a a ser missionária contemplativa¹¹⁷. No «duplo amor» dos santos, no «puro amor» a Jesus e à Igreja, Teresa quis ser o Amor no Coração da Igreja. É o «caminho excelente» (1 Co 12, 31), é a chave da genial descoberta da sua vocação eclesial: «a minha vocação, encontrei-a, finalmente, a minha vocação é o amor». Ela viveu assim a plenitude dos caminhos cristãos, uma vez que «o amor encerra todas as vocações; «ao sentir em si outras vocações», viveu-as como «esposa, carmelita e mãe das almas». Preparava-se, deste modo, para viver a sua missão no seio da Igreja.

Mas qual foi a missão que Deus lhe confiou para a Igreja do seu tempo e do nosso tempo? Poderíamos dizer que Teresa revela, na sua missão, o segredo, a voz, e a vontade do Espírito de convidar toda a Igreja, não só à confiança no Amor Misericordioso de Jesus, mas ainda ao abandono ou oferecimento ao mesmo Amor infinito do Senhor.

¹¹² H.U. von Balthasar, *Teresa de Lisieux. Historia de una Misión*, Herder, Barcelona, 1989, p. 23. Cf. *Ibid.*, pp. 24; 27 e 57;77. A vida consagrada de Teresa de Lisieux é toda ela uma existência «transfigurada» em «confissão da Trindade» (Ct 165).

¹¹³ Ms B, 3 rº.

¹¹⁴ João Paulo II, *R M.* n.30.

¹¹⁵ A.G. n. 23.

¹¹⁶ A «história da sua vocação» (Ms A, 53 vº) foi «uma verdadeira vocação para o Carmelo» (Ms A, 52 rº).

¹¹⁷ «Disseste-me também que *eu tinha essa vocação* e que o único obstáculo era a saúde» (Ms C, 9 vº-10 vº).

Poderá, então, ser «testemunha da misericórdia de Deus revelada em Cristo» e fazer da sua oração um «grito à misericórdia de Deus»¹¹⁸. Parece-nos ser esta a teresiana «memória eclesial» da contemplativa da Misericórdia de Deus¹¹⁹, a «profecia em acção» da santidade de ser amada até o seu nada ser transformado em fogo¹²⁰, e da missão de amar até à loucura, ao martírio e à morte de amor¹²¹. Eis como a santidade de Teresa tem uma missão eclesial de comunhão *ad intra* – «interiorizar o Amor no Coração de Igreja para a santificar por dentro»¹²² – e, ainda, *ad extra* – «fazer amar o Amor»¹²³, pelas flores das «pequenas acções»¹²⁴, as dores que salvam as almas¹²⁵, as orações que levantam o mundo¹²⁶.

É obvio como a sua graça de santidade se manifestou nela, na forma de um singular impulso missionário. Se «a espiritualidade missionária é um caminho orientado para a santidade», quem melhor que a «Padroeira das Missões»¹²⁷, esta «contemplativa na pequena acção», pode ajudar a «suscitar um novo ardor de santidade» entre os missionários e em toda a comunidade cristã?¹²⁸ No limiar do terceiro milénio, hora de um «novo advento missionário», «alvorecer de uma nova época missionária», quem tanto como Teresa, esta «alma de fogo», esta «alma apostólica», «apóstola dos apóstolos», com a «arma da Caridade», a não ser outro grande missionário, «pode convidar a Igreja a um renovado empenhamento missionário?»¹²⁹. Contudo, a urgência da missão – «Ele quer que comece *já* a sua missão»¹³⁰ – não pode ofuscar a sua necessária gratuidade – «Que ele nos faça a graça de O amar e de lhe salvar almas»¹³¹ – nem a sua *inculturação* em todos os povos da terra:

¹¹⁸ João Paulo II, *D M* nn.13 e 15.

¹¹⁹ Ms A, 83 vº. Cf. H.U. von Balthasar, *o.c.*, p.269.

¹²⁰ Ms B, 3 vº e CA 7.7.2.

¹²¹ Or 6.

¹²² J. Lafrance, *A minha vocação é o amor*, Lisboa, 1986, p.177. Cf. M.D. Molinié, *o.c.*, p. 125). Além disso, Teresa possui o sentido da hagiografia moderna e apresenta-se como santa dos nossos dias ao amar o Senhor sem deixar de amar a sua família (CA 21/25.5.1).

¹²³ Or 6. O grito paulino : «Ai de mim se não *evangelizar*» (1 Co 9, 16), converte-se no grito teresiano : «Ai de mim se não *fizer amar* o Amor» (Ct 220).

¹²⁴ Ms B, 4 vº e Ct 191.

¹²⁵ Ct 213. No coração da sua noite, a mensagem de sofrer amando - «*Sim sofrer amando é a mais pura felicidade*» (P. 54, 16) - é de admirável actualidade e o segredo da felicidade de Teresa: «Existirá acaso *alegria* maior do que a de sofrer por vosso amor?» (Ms C, 7 rº).

¹²⁶ Ms C, 36 vº.

¹²⁷ Cf. Ct 194; Ms B, 3 rº; Ct 225; Ms A, 45 vº.

¹²⁸ João Paulo II, *R M*. n.90.

¹²⁹ *Ibid.*, n. 2.

¹³⁰ Ct 213.

¹³¹ Ct 263.

«Quereria anunciar o Evangelho nas cinco partes do mundo e mesmo nas ilhas mais afastadas»¹³².

6. *As mulheres e o Amor*. Num momento em que a Igreja promove «a dignidade e a vocação da mulher»¹³³, convém evidenciar o carácter profundamente *feminino* da teologia de Teresa de Lisieux e o *privilégio da feminidade no Amor de Jesus*¹³⁴. Na verdade, a mulher é privilegiada para amar Jesus, para viver «a paixão pela salvação de todos os homens».

«O homem belicoso e técnico desumaniza o mundo; a mulher orante humaniza-o como mãe que vela sobre toda a forma humana assim como sobre o seu próprio filho... Mas a mulher só cumprirá a sua tarefa se aceitar o ministério das «virgens sensatas» da parábola, cujas lâmpadas estavam repletas dos dons do Espírito Santo; se, *gratia plena*, seguir a *Theotokos*... Hoje diante da tragédia do Terceiro Mundo, diante do materialismo de vida, da pornografia, das drogas, de todos os elementos da decomposição demoníaca..., é a mulher que, depois de ter pronunciado o *fiat* como a Virgem, é chamada a dizer não, a deter o homem à beira do abismo, a mostrar-lhe a sua verdadeira vocação»¹³⁵.

Ora, Teresa é uma jovem mulher que amou Jesus, a Igreja e a Humanidade com todo o seu coração de criança e esposa, de irmã e de mãe. Daí ser testemunha qualificada de uma esperança pelos outros que vai até «esperar por todos»¹³⁶.

Conclusão

A celebração do Centenário da morte de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face é um tempo de graça no qual Deus nos convida, pela mediação e intercessão da «maior taumaturga dos tempos modernos», que prometeu uma «chuva de rosas», a renovar a nossa vida cristã¹³⁷, contemplativa e apostólica, à luz do Evangelho vivido e ensinado por ela.

¹³² Ms B, 3 rº. ¹³³ João Paulo II, *M.D.*

¹³⁴ Teologia feminina, «não feminista», a de Teresa. Cf. Ms A, 66vº.

¹³⁵ P. Evdokimov, *A Mulher e a Salvação do Mundo*, Paulinas, S. Paulo, 1986, pp. 8 e 306.

¹³⁶ Ct 38 B. Cf. H.U. von Balthasar, *El problema de Dios en el hombre actual*, Guadarrama, Madrid, 1960, pp.280-282. Cf. G. Bernanos, *La Liberté, pour quoi faire?*, Gallimard 1953, pp.176.92.15. Cf. G. Gaucher, prefácio ao livro de L. Sankale, *Thérèse dis-nous ton secret*, Fayard, Lisieux, 1992.

¹³⁷ Cf. Pio XII, Carta à M. Inês, 30/12/ 1946, em *Analecta OCD* 19 (1947), p. 11.

«A sua mensagem é um desafio para a espiritualidade de hoje na Igreja, como o perceberam não apenas as pessoas consagradas à contemplação, mas ainda os que trabalham no campo de uma evangelização comprometida com a promoção humana, o desenvolvimento e a libertação. A infância espiritual é uma realidade evangélica, que implica a consciência do dom que recebemos de ser filhos e filhas de Deus e a resposta que nos orienta à fraternidade»¹³⁸.

Se «em todas as fases da história, mas especialmente na época actual, a Igreja deve considerar como um dos seus principais deveres *proclamar e introduzir na vida* o mistério da misericórdia, revelado no mais alto grau em Jesus Cristo»¹³⁹, quem como Teresa, que confiou na *Justiça* que Jesus terá com os que o amam – «a *esperança cega* que tenho na *sua misericórdia*»¹⁴⁰ –, que se ofereceu como vítima ao Amor Misericordioso¹⁴¹, pode redizer «a todas as pequenas almas quanto é inefável a sua condescendência»¹⁴², pode proclamar que «para todo o pecado existe misericórdia»¹⁴³, mesmo para quem não crê, não espera e não ama¹⁴⁴.

«Á nossa civilização refinada e indiferente que perdeu o sentido do infinito e que o sofre, Deus enviou uma criança que, com os encantos e a pureza luminosa da sua simplicidade, rediz a mensagem eterna do seu amor, a saber, que Ele nos criou por amor, que seu amor permanece vivo, que é mais ardente ainda por causa dos nossos abandonos, que espera que o amemos como filhos, que nos deixemos amar como totalmente pequeninos...No limiar deste mundo novo... Deus colocou Teresa para revelar e fazer amar o Amor, para organizar uma legião inumerável de pequenas almas que experimentaram o Amor e por ele combatem na terra... Teresa será, é já entre os grandes mestres espirituais da Igreja, entre os mais poderosos condutores de todos os tempos»¹⁴⁵.

No mundo que há-de vir do terceiro milénio, Teresa dirá também que «a vitória a Deus pertence»¹⁴⁶, que «Deus confunde os fortes» e

¹³⁸ *Carta Circular*, n. 61. «Não é escutar o Espírito Santo, negligenciar a mensagem de Teresa de Lisieux» (H.U. von Balthasar, *Wer ist ein Christ?*, Benzinger, 1965, p. 83).

¹³⁹ João Paulo II, *D.M.* n.14. ¹⁴⁰ Ct 197. ¹⁴¹ Ms A, 84 rº; Or 6.

¹⁴² Ms, B, 5 vº. ¹⁴³ Ct 147; Ms C, 36 vº; CA 11.7.6. ¹⁴⁴ Ms C, 6 rº.

¹⁴⁵ P.M. Eugène de l'Enfant-Jésus, *Sainte Thérèse de l'Enfant-Jésus, Docteur de la vie mystique*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p.361.

¹⁴⁶ RP 3, 8 vº. Pertence também a Teresa: «A vitória é minha...sempre te desarmo com as minhas flores» (Ct 226).

«passa as fronteiras», mesmo dos que não O amam, por meio de quem o ama e quer fazer amar.

«Fazer amar o Amor, o Amor Misericordioso, tal foi, tal é a missão de Teresa, doutora do Amor para o mundo da não-crença... Pio XI declarou: «Deus diz-nos muitas coisas por ela que foi como a sua palavra viva»: uma palavra de fé, que é esperança no amor. Teresa ensina-nos a autêntica esperança, a da fé no amor. Com o seu amor evangélico e a sua compaixão mística Teresa leva o desespero deste mundo com esperança, isto é, com fé no amor»¹⁴⁷.

Se esta é toda a nossa palavra sobre a «actualidade» de Teresa de Lisieux, a sua palavra eterna é e será sempre de cariz teologal, como ela no-lo diz, na pessoa de sua irmã Celina.

«Há uma só coisa a fazer durante a noite... é amar, Amar Jesus com todas as forças do nosso coração e salvar-lhe almas para que seja amado... Oh, fazer amar Jesus!...»¹⁴⁸.

Teresa é Teresa, na terra como no céu: «Desejarei no Céu o mesmo que na terra: amar Jesus e fazê-lo amar»¹⁴⁹. Com Teresa, pois, o amor «não morreu, entrou na vida»¹⁵⁰. Teresa «possui – agora e para sempre - o que esperou»¹⁵¹. Realizou o seu sonho de ser o Amor no Coração da Igreja¹⁵². Realizará a sua missão de «fazer amar o Amor» no coração do Mundo¹⁵³.

¹⁴⁷ P. Poupard, *a.c.*, pp.311-312. «O homem não deve cair nunca no desespero, só pode cair em Deus e Deus nunca desespera» (P. Evdokimov, *A loucura do amor de Deus*, Ed. Paulistas, 1979. p. 29). Cf. P 54. 16 e CA 25.9.3.

¹⁴⁸ Ct 96; Or 6; Ct 254. Cf. F.M. Léthel, *L'Amour de Jésus*, em *Thérèse de l'Enfant-Jésus Docteur de l'Amour*, Venasque, 1990, p. 155..

¹⁴⁹ Ct 220.

¹⁵⁰ Ct 244.

¹⁵¹ Ct 245.

¹⁵² Ms B, 3 vº. «Realize-se em cada uma de vós aquilo que foi o programa de vida de S. Teresa do Menino Jesus: «*in corde Ecclesiae amor ero*» - no coração da Igreja serei o amor» (João Paulo II, 22/5/1980, a um grupo de Abadessas beneditinas de Itália, em *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, vol. I (1978), p. 131).

¹⁵³ Ct 221. «Atraída e atraente; amando, fá-lo amar, como espelho do Amor de Jesus. O coração humano, criado por amor e para amar, tem sede de amar e de ser amado. É uma mensagem que nasce da profundidade do coração humano e vai direita ao mais profundo do coração humano» (F.M. Léthel, *a.c.*, p. 114).

MENSAGEM DE SANTA TERESINHA À MULHER DE HOJE

IR. VERA MARIA

*“Quem é esta que sobe o deserto,
apoiada no seu amado?”
(Cant. 8,5)*

Introdução

A MULHER é um mistério. Vida e morte, bem e mal se batem e rebatem na sua existência. Quando a mulher é mesmo MULHER, ela envolve o tempo e a história, na realização da sublime vocação que lhe foi confiada pelo Criador, na sua própria essência de ser que acolhe o Amor, para amar por sua vez, a MULHER pode transformar o próprio rumo da História, velando sobre o coração do homem, despertando nele o amor, com ele caminhando em plena comunhão para o destino sublime de ambos: Deus-Todo-Amor, sua fonte e origem.

Antes de *emprestar* a minha incompetência e voz a uma das maiores Santas dos tempos modernos, Teresa de Lisieux, para que ela *dirija uma mensagem à mulher de hoje*, gostaria de reflectir alto, sobre

conceitos como : MULHER, SER MULHER HOJE, IGUAL DIGNIDADE MULHER/VARÃO, FEMINISMO...

São questões, algumas delas, que Teresa de Lisieux não se colocou, e por isso, seria forçá-la a dizer, hoje, aquilo que ela não só não disse, como com certeza nunca pensou!

Filha de uma família burguesa, tendo perdido a mãe tão pequena ainda, viveu a sua infância e adolescência protegida pelo carinho e companhia do pai e de suas quatro irmãs. Quando, aos quinze anos apenas, entra no Carmelo de Lisieux, do mundo conhece pouco, o suficiente para poder fazer livremente a sua opção por Jesus Cristo numa vida monástica de clausura mas, com certeza, a léguas de distância dos movimentos feministas da França do seu século, e de outros países da Europa.

Teresa foi uma mulher, que se realizou plenamente como MULHER, numa linha de consagrada: Virgem, esposa mística de Cristo, Teresa viveu e amadureceu a sua maternidade espiritual, o que explica toda a sua ânsia missionária. No Carmelo, ela pode desabrochar plenamente na sua vocação e missão de MULHER.

Ser mulher, hoje

Deus disse: «*Façamos o homem à Nossa imagem e semelhança (...) Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou, homem e mulher Ele os criou*». ¹

Num relato carregado de metáforas e imagens, tão ao gosto oriental, o Génesis narra-nos a criação. «Deus cria o ser humano, no auge da criação, e cria-o à Sua imagem, quer dizer, *pessoa*, capaz como Ele, de relacionamento com o outro. Há como que uma presença particular da Trindade, neste acto criador: *Deus disse: Façamos o homem à Nossa imagem...* Terá Deus partido da Sua Comunhão para estabelecer dois seres em comunhão? À Sua imagem, homem e mulher Ele os criou. Não

¹ Gn 1, 26ss.

somente o homem, mas o homem e a mulher, iguais em dignidade, enquanto *pessoas*, à imagem de Deus».²

Em algumas culturas antigas a mulher era considerada inferior ao homem; uma espécie de homem frustrado, uma forma biológica que não atingira plenamente o seu desenvolvimento. Aristóteles, Platão e outros pensadores gregos, partilhavam estes conceitos limitados e estorpiados de Mulher. Através das suas obras, estes conceitos passaram à Teologia. Não poucos teólogos medievais, na esteira de Aristóteles, e aceitando sem mais os seus conceitos biológicos erróneos de Mulher, chegaram a pôr em questão que a mulher tivesse alma, que fosse *imago Dei*, ou que tivesse direito à salvação! É claro que, com o avanço das ciências, nomeadamente da Antropologia, da Biologia, da Psicologia e da própria Teologia, a par do iluminismo do século XVIII, na França, Inglaterra, Estados Unidos, Itália e Espanha, bem como dos movimentos feministas nascentes, que demandavam a paridade homem-mulher, nos direitos civis e políticos, a Teologia contemporânea distanciou-se destas afirmações que, aliás, o Magistério da Igreja nunca tinha feito suas, levando assim a cabo uma revisão do papel da mulher no plano da criação e da Redenção.

O teólogo suíço contemporâneo, Hans Küng, numa das suas teses, afirma: «No conceito de Deus há que evitar uma super-valorização do masculino. A aplicação a Deus, do nome de Pai, não pode comportar nenhuma diferenciação sexual em Deus: Deus não pode ser monopolizado pelo sexo masculino. Deus não é varão; já no Antigo Testamento Deus tem também traços femininos, maternais. O trato de Pai é um símbolo patriarcal (uma analogia) para a trans-humana, trans-sexual realidade de Deus, que é também origem de todo o feminino-maternal; de modo algum se pode aproveitar como fundamentação religiosa de nenhum paternalismo social.

A animosidade e ainda a hostilidade de muitos Padres da Igreja e teólogos posteriores face à mulher, não reflecte a actitude de Jesus, senão a de muitos judeus e pagãos contemporâneos Seus, para os quais as mulheres não contavam socialmente e deviam evitar a sociedade dos varões».³

² Anne-Marie Pelletier, em *Vie Consacrée*, 15, 1996.

³ Hans Küng, *Mantener la Esperanza, la Mulher en la Iglesia: Dieciseis Tesis*, 1. 2.

As lutas feministas, mesmo se foram excessivas, reconheceram-se necessárias para obter à mulher, pelo menos no ocidente, direitos iguais aos dos homens. Contudo, a igualdade de direitos não significa ainda igualdade de pessoas; as mulheres obtiveram o poder *fazer como o homem*; mas será que conseguiram o poder de serem elas mesmas na sua diferença? Pois a diferença existe e o mundo tem necessidade dela.

Voltando à narrativa do Génesis, Deus criou o homem e a mulher e deu-lhes uma vocação comum: serem imagem e semelhança de Deus, do Deus Trindade, onde toda a relação é abertura ao outro, comunhão; Um pouco como se Deus lhes dissesse: – Dou-vos a capacidade de vos amardes como Nos amamos em Nós Mesmo; chamo-vos a terdes amor um pelo outro. – Deus disse-lhes em seguida: – Sede fecundos, dai a vida como Nós a damos em Nós Mesmo – pois a vida surge infalivelmente do amor. Deus disse-lhes ainda: – Dominai a terra e submetei-a. – Em Hebraico, esta submissão não parece significar “ter influência excessiva sobre”, mas antes “receber uma autoridade sobre”, quer dizer: fazer crescer, construir no respeito. O homem e a mulher são chamados a ser criadores com Deus.

E Deus maravilha-Se diante do que acaba de realizar. Desta vez, Ele não diz, como disse acerca das outras criaturas: “Isto é bom!», mas o texto diz: “Deus viu que isto era muito bom”, sublinhando assim essa bondade e essa beleza do homem e da mulher nas origens, essa beleza do amor humano querido e partilhado por Deus, da complementaridade homem-mulher, numa mútua relação-comunhão de amor. Não obstante a queda, o pecado, as rupturas e desfigurações que sobrevieram ao longo da história humana, esta beleza permanece, pois Cristo veio restaurá-la. Esta é a beleza que a Igreja redescobre quando celebra o amor humano e o tenta verdadeiramente proteger, mesmo se por vezes a sua linguagem é difícil.⁴

Inteiramente criada para ser amada e para amar, a mulher foi dada por Deus ao homem, como companheira, na qual ele viu “a carne da minha carne, e osso dos meus ossos”, mulher, porque tirada do homem, segundo o Génesis, da mesma substância, seu complemento indispensável, pois que sem ela, Adão encontrava-se só, mesmo rodeado por toda uma

⁴ Anne-Marie Pélletier, em *Vie Consacrée*, 15, 1996, p. 9.

maravilhosa criação que lhe tinha sido confiada por Deus, e ainda apesar da própria companhia de Deus que, segundo o mesmo relato: “passeava no jardim pela brisa da tarde”.

«*Se a dignidade da mulher*, diz João Paulo II na sua Carta Apostólica,⁵ *testemunha o amor que ela recebe para, por sua vez amar, o paradigma bíblico da MULHER parece desvelar também qual seja a verdadeira ordem do amor que constitui a vocação da mulher (...) Deus confia-lhe de uma maneira especial o homem, o ser humano. Naturalmente*, continua o Papa, *Deus confia todo o homem a todos e a cada um. Todavia, este acto de confiar refere-se de modo especial à mulher (...)*».

Na medida em que a mulher é especialmente dotada para ser amada e para amar, está muito próxima do mistério de Deus. Talvez só Deus possa cumular plenamente todo o desejo da mulher.

Jardim fechado, fonte selada... (Cânt.).

A MULHER é aquela que chama o amor, que desperta o amor no coração do homem. «Completamente ser em espera, ser escavado para ser amada, a mulher foi dada por Deus ao homem, para despertar nele o amor, pedir-lhe que a amasse, a fim de que se tornasse para ele fonte de amor e daí, fonte de sentido no seu “emprego de jardineiro da terra”. Sem a mulher, o homem trabalha em vão. É a revelação de um sentido para o seu trabalho, que o homem busca obscuramente na mulher: que ela não o deixe sozinho com o frio saber, a técnica, a conquista do poder ou do dinheiro. Quando o homem toma a mulher e a leva consigo, como José fez com Maria, então enche-se a solidão de Adão. É como se ele descobrisse o segredo do jardim do qual Deus lhe confiou a guarda».⁶

«A mulher é forte pela consciência dessa missão, forte pelo facto de que Deus lhe confia o homem, sempre e em todos os casos, até nas condições de discriminação social em que ela se possa encontrar. Esta consciência e esta vocação fundamental falam à mulher da dignidade que ela recebe do próprio Deus, e isto torna-a forte e consolida a sua

⁵ João Paulo II, *Mulieris Dignitatem*, 30.

⁶ Anne-Marie Pélletier, *Vie Consacrée*, 15, 1996.

vocação. Deste modo, a *mulher perfeita* (cf. Prov 3, 10) torna-se um amparo insubstituível e uma fonte de força espiritual para os outros, que percebem as grandes energias do seu espírito. A estas mulheres perfeitas muito devem as suas famílias e, por vezes, nações inteiras.

Na nossa época, os sucessos da ciência e da técnica permitem alcançar, num grau até agora desconhecido, um bem-estar material que, enquanto favorece alguns, conduz outros à marginalização. Deste modo, este progresso unilateral pode comportar também um gradual desaparecimento da sensibilidade pelo homem, por aquilo que é essencialmente humano. Neste sentido, sobretudo os nossos dias aguardam a manifestação daquele “gênio” da mulher que assegure a sensibilidade pelo homem em toda a circunstância: pelo facto de ser homem! E, porque “maior é a caridade” (cf. 1Cor 13, 13).⁷

Esperanças e angústias no horizonte

Não obstante os grandes movimentos feministas, originados já no século XVIII um pouco por toda a Europa Ocidental, não obstante o progresso da humanidade em inúmeros campos da ciência, apesar do lugar na sociedade, na cultura, na política, conquistado pela mulher nos nossos dias, restam ainda muitas sombras no horizonte da verdadeira dignidade e vocação da mulher. Haverá conquistas ainda a fazer, e todo um equilíbrio a encontrar; haverá também, da parte da mulher, um redescobrir da beleza, da grandeza e sublimidade do seu ser de MULHER.

Não vou abordar assuntos polémicos, pelos quais muitas mulheres hoje se batem, como monja católica que sou, e na esteira de Teresa de Jesus, aguardo com respeito e paciência, com amor mesmo, o avançar da Igreja nessas matérias, a sua palavra, o seu Magistério. Além do mais, ser mulher é tão grande e sublime, que vale por si mesmo, pelo que Deus quer para nós mulheres, pelo que Ele mesmo nos confia, muito mais do que os estreitos limites de querer realizar isto ou aquilo. Ser, será sempre muito mais do que fazer!

⁷ João Paulo II, *Mulieris Dignitatem*, 30.

Lançando um olhar para o estatuto da mulher na nossa sociedade europeia, ocidental, para não falar do mundo árabe onde a mulher continua numa situação de verdadeira escrava do homem, apesar do muito que já se fez pela paridade de direitos e deveres homem/mulher, continuam graves injustiças e discriminações:

- O desrespeito pela imagem da mulher, nomeadamente na publicidade, no cinema... É o reino da mulher-objecto.

- A falta de liberdade na opção de uma maternidade a tempo inteiro, para o que os Estados teriam que colaborar economicamente...

- A discriminação a que continua a ser votada no acesso livre a todos os ramos da cultura, nomeadamente à teológica, bíblica, e de outros ramos das ciências sagradas. O mesmo se dizendo no tocante ao ensino das mesmas, e ao exercício do acompanhamento espiritual.

Passo a citar Hans Küng: «Há que fomentar o estudo da teologia católica por parte das mulheres, ao que em muitos lugares, com efeito só muito limitadamente têm acesso, ou do que são excluídas totalmente. Para que a Igreja e a teologia (e não menos a ética, e aqui sobretudo a ética sexual) saiam a ganhar com as apertações das mulheres, haverá que conseguir que cheguem aos estudos teológicos superiores, e que as instituições eclesásticas as promovam, não menos que aos estudantes varões de teologia, através de bolsas ou de ajudas para a publicação de trabalhos científicos, etc...».⁸

A discriminação da mulher consagrada, em relação ao varão consagrado, no tocante a uma responsável autonomia governativa (em alguns casos a mulher continua a ser produto de segunda categoria, submetida ao governo masculino, continuando por isso de menor idade!...).

Contudo, a esperança de uma continuada e actual libertação, está viva, e o feminismo, como movimento de libertação da mulher, é um fenómeno histórico já bem afirmado, já bem enraizado, que nenhuma instituição conseguirá deter. Se o Espírito de Deus, que é Espírito de Verdade, nos ensinará toda a verdade, e nos conduzirá à verdade total, Ele vai actuando no mundo, nas pessoas, e na história, e seguramente recapitulará todas as coisas em Cristo, a VERDADE, e um dia, MULHER e

⁸ Hans Küng, *Mantener la Esperanza, escritos para la reforma de la Iglesia. Dieciseis tesis*, 11.

VARÃO, caminharão unidos para a sua meta: a união mística com Deus, na sua dignidade de pessoas humanas, imagem e semelhança do Criador.

Perfil humano de uma santa

«Quanto mais uma mulher é santa, mais ela é mulher», escrevia em 1897 Léon Bloy, só que nessa altura ele não podia imaginar que uma jovem carmelita de Lisieux lhe dava a mais convincente das ilustrações!

Teresa do Menino Jesus, a santa de Lisieux, foi uma mulher que se realizou plenamente como mulher, numa linha de consagrada.

Teresa desenvolveu as suas qualidades femininas, nomeadamente: a **intuição**: através do seu “caminho da infância espiritual que foi uma novidade num século em que se vivia ainda muito o jansenismo. O mesmo se diga da sua intuição do Amor Misericordioso, ou seja, o seu conceito de Deus como um Deus-Amor voltado ternamente para o ser humano. Na sua espiritualidade crística, olhando Jesus, o Filho de Deus, numa óptica de grande proximidade, intimidade e humanidade, Jesus, além de ser o seu único Bem-Amado, era também um Irmão. A sua intuição mariana: a Virgem Maria é por ela vista não pelo lado das suas extraordinárias prerrogativas, dos seus privilégios únicos, mas pela sua proximidade materna: «Que os sacerdotes nos mostrem, pois, virtudes praticáveis! Está bem que nos falem das suas prerrogativas, mas sobretudo é preciso que as possamos imitar. Ela gosta mais da imitação que da admiração, e a sua vida foi tão simples!»⁹ Também numa das suas mais célebres poesias, Teresa canta : «*Porque te amo ó Maria!*».

«É preciso, para que um filho ame sua mãe,
que ela chore com ele, partilhe suas dores

.....

Meditando tua vida no santo Evangelho
ousou olhar-te e aproximar-me de ti

⁹ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., 1992, D.E. 23. 8. 97, 9.

Pensar-me tua filha, não me é difícil
Pois vejo-te mortal e sofrendo como eu...»¹⁰

Na sua intuição feminina, com tão escassos meios ao seu alcance, Teresa adianta-se no tempo, e é verdadeiramente uma **amante da Palavra de Deus**; nos poucos manuscritos de algumas passagens da Sagrada Escritura, sobretudo do profeta Isaías e Sabedoria, que Celina lhe traz quando entra por sua vez no Carmelo, e sobretudo nos evangelhos particularmente no de S. João onde descobre a verdadeira caridade fraterna (sermão da última Ceia, que ela comenta magistralmente no *Manuscrito C* da sua autobiografia), Teresa busca a vontade de Deus a seu respeito, a verdade e a resposta às suas interrogações, e sobretudo, o alimento substancial para a sua fé. «Teresa descobre o sentido profundo dos textos escriturísticos que comenta, porque ela está impregnada da Sagrada Escritura. A sua relação com a Palavra de Deus está para além de uma apropriação de tal ou tal versículo. Pelo seu amor a Jesus, Teresa habita a Escritura. É aí que se encontra a razão última do carácter bíblico dos seus escritos para além das citações explícitas ou implícitas. Teresa está convicta de que a leitura da Bíblia se inscreve numa relação com Deus que nos fala hoje, através das Escrituras para nos iluminar». ¹¹ Se considerarmos isto, no meio do contexto de piedades insípidas da sua época teremos de concluir que, também aqui, ela se antecipou muitos anos a todo o actual amplo movimento bíblico que hoje envolve os leigos nossos contemporâneos, com a diferença de que hoje possuímos muito mais meios que Teresa na sua época, encerrada num Carmelo. Através da Palavra de Deus amorosamente lida e meditada, ela fixa-se com uma segurança espantosa no mais essencialmente vital da vida espiritual: reconhecendo no Amor o tudo da vocação cristã, e na sua pequena via, o caminho da sua realização, numa identificação total com Cristo, recapitula nos últimos meses da sua curta vida toda a maravilha da fé e toda a sua treva mais densa.

Outra das suas qualidades bem femininas foi a **delicadeza**. Observamo-lo no seu trato fraterno na maneira de ultrapassar as falhas na vida de comunidade, no seu serviço e na disponibilidade para com todas as Irmãs, através da sua obra epistolar, e sobretudo, nos últimos

¹⁰ Idem, P.N. 54.

meses da sua vida, quando, já tão doente e incapacitada, sempre encontra um modo de espalhar alegria à sua volta, de aliviar a tensão do ambiente, de dizer uma palavra oportuna para dar consolação às suas irmãs. Disto, nos fornecem abundantes testemunhos as *Últimas Conversações – Derniers Entretiens*.

Teresa, como mulher madura, possuía ainda um traço de **fino humor e optimismo**. Teresa é **alegre e bem disposta**:

«Não é a menor das surpresas do leitor de *Derniers Entretiens*! Esta doente, empapada de sofrimentos, dá prova quase ininterrupta de uma alegria espantosa, multiplicando gracejos, piadas finas, trocadilhos de palavras, e improvisando mímicas. Pela palavra e pelo gesto consegue fazer rir aquelas que choram a sua morte eminente. Não quer tristezas à sua volta...»¹²

Teresa gostou sempre dos trocadilhos de palavras, tal como seu pai, que os usava com frequência nos alegres serões dos Buissonets. Mesmo já tão doente, Teresa não se priva deles. Cenas de trocadilhos repetem-se na enfermaria. «Para combater a tristeza de suas irmãs, Teresa transforma uma exclamação trágica em sorriso. Esta atitude não se improvisa, e muito menos num auge de sofrimento. As palavras exerceram sempre um atractivo sobre ela que, para fazer rir, não temia os neologismos, os arcaísmos, a linguagem familiar e certos termos usados só na Normandia. A sua linguagem infantil e estes gracejos são, na sua situação de grande doente, uma forma de coragem».¹³

É necessário sublinhar ainda o **optimismo** profundo de Teresa: «Vejo sempre o lado bom das coisas».¹⁴

Afectuosa e sensível: «Jesus não me deu um coração insensível», reconhece Teresa em Junho de 1897.¹⁵ O meu coração sensível e amante».¹⁶ Quando criança, chorava com frequência...¹⁷ E tornou-se

¹¹ Pascal-Marie Jerumanis, *Thérèse de L'Enfant Jesus, Docteur de l'Amour*.

¹² Guy Gaucher, *La passion de Thérèse de Lisieux*, Cerf - D.D.B., 1972.

¹³ Idem.

¹⁴ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf -D.D.B., D.E. 27. 5. 97.

¹⁵ Idem, Ms C 10r.

¹⁶ Idem, Ms A 4v.

¹⁷ Cf. idem, Ms A, 18v; 24-25v; 27r; 34v; 35r; 37r/v; 39v; 43r; 44v.

mesmo «chorona em excesso» durante a sua pré-adolescência: «Eu era verdadeiramente insuportável pela minha sensibilidade excessiva... Chorava por ter chorado... Todos os raciocínios eram inúteis e eu não acabava de me corrigir deste grande defeito». ¹⁸ Será necessário nada menos que o “milagrezinho” do Natal de 1886 para a curar da sua hipersensibilidade. Depois deste Natal, Teresa chorará ainda a propósito de Pranzini, no confessionário, no momento de falar da sua vocação ao pai, durante as suas viagens para entrar no Carmelo (a Bayeux, a Paris, a Roma). A entrada no Carmelo não esgotará todas as suas lágrimas: no dia da sua tomada de véu, ou quando Celina vai ao baile; nesse dia ela derrama «uma torrente de lágrimas». Chora também lendo a sua correspondência (de Celina).

Contudo, há uma diferença nítida entre estas lágrimas e as que precederam a sua “conversão”. Se a sua sensibilidade de menina permanecia – e chorava-se muito nessa época neo-romântica – Teresa domina-a. Constata-se contudo, uma recrudescência das lágrimas durante os últimos meses da sua vida. A razão é, antes de mais, a fraqueza que mina o seu corpo. Com frequência, esgotada, a doente nem sempre pode reprimir as lágrimas que brotam após um incidente ou uma pequena contrariedade. Diversas vezes derrama lágrimas de arrependimento, de contrição perfeita. Mas há outras razões para estes prantos que a tristeza junta à fraqueza. O desabrochar do ser purificado parece reabrir a fonte das lágrimas. Teresa “chora de alegria” quando uma passagem do Evangelho responde a uma interrogação íntima. Chora de “reconhecimento” para com Deus ou para com a Madre Inês, a Irmã Genoveva, as suas três irmãs juntas. Choros de consolação vendo a Virgem do Sorriso precedê-la na enfermaria. Chora sobretudo de “Amor”. A sua grande sensibilidade, afinada ainda pela doença, exprime-se pelo choro frequente. A própria Teresa se espanta disso. As suas lágrimas de doçura e de alegria, trazem-lhe algum reconforto na prova». ¹⁹

São ainda de sublinhar, no seu perfil humano, o seu amadurecido **sentido maternal**, e o seu **impulso missionário**, fruto amadurecido da sua maternidade espiritual.

¹⁸ Idem, Ms A 44v.

¹⁹ Guy Gaucher, *La Passion de Thérèse de Lisieux*. Ed. Cerf - D.D.B., 1972.

Sentido maternal: seria de valorizar aqui, uma série de marcos biográficos na vida de Teresa, desde a sua adoção do condenado Pranzini, por quem reza fervorosamente e se sacrifica pela sua conversão, chegando a pedir a Jesus um sinal de que ele se tinha salvo, passando pelo seu relacionamento com Celina, após ter entrado no Carmelo e esta ainda permanecer em casa (sente por ela um verdadeiro amor de mãe, ora intensamente por ela, sofre terrivelmente, quando sabe que esta irá ao baile, e ousa de novo pedir a Jesus um “favorzinho especial”: que ela não possa bailar..., desta época temos inúmeras cartas de Teresa a Celina em que se apalpa nitidamente o seu sentido maternal face a esta, não obstante uma diferença de quatro anos que Celina levava em vantagem, os seus desejos ardentes, que a faziam viver um “autêntico martírio” de sofrer e de se sacrificar pela salvação das almas, respondendo ao pedido de Jesus na cruz: “Tenho sede!”, que tanto a havia impressionado um dia... a descoberta da “sua vocação”: no coração da Igreja, ser o Amor. Lembremos aqui, também, o seu relacionamento afectuoso e dedicado com os seminaristas e com os missionários, encantadoramente patente no seu epistolário com os mesmos; o modo como ela os adopta como filhos, mesmo chamando ao Abbé Béllière de “irmãozinho”. A sua intuição final da sua missão póstuma: passar o Céu a fazer bem sobre a terra. “Eu voltarei!”, afirmou por diversas vezes ao longo da sua doença. Sim, em Teresa de Lisieux, o amor louco a Jesus, sua alegria, seu Esposo, seu Tudo, não foi um sentimento, um substitutivo de uma existência frustrada. Foi uma verdadeira união, através da vivência amorosa do Seu mistério Pascal, que produziu no Espírito Santo frutos apeteceíveis!

“Atraí-me para Vós, correremos...”

«Teresa de Lisieux com frequência citou este versículo do Cântico dos Cânticos, onde está condensada toda a sua espiritualidade missionária: “Um dia, após a comunhão, Jesus fez-me compreender esta palavra do Cântico dos Cânticos: “Atraí-me para Vós, correremos ao odor dos vossos perfumes”. Ó Jesus, atraindo-me, atraireis também as almas que amo. Esta simples palavra: atraí-me, basta. Sim, quando uma alma se deixou cativar pelo odor inebriante dos Vossos perfumes, ela não saberá correr sozinha. Todas as almas que ela ama são levadas juntamente; é uma consequência natural da sua atracção para Vós! (...) Sinto que, quanto mais o fogo do amor abrasar o meu coração,

mais eu direi: “Atraí-me!”, e mais também as almas que se aproximarem da minha, correrão com rapidez ao odor dos Vossos perfumes. Sim, elas correrão, nós correremos juntas (...) pois uma alma abrasada de amor não pode ficar inactiva» (cf. Ms C 34r).²⁰

«Ó Jesus, a alma que mergulha no Oceano sem margens do Vosso Amor, arrasta consigo todos os tesouros que possui... Senhor, Vós o sabeis, não tenho outros tesouros senão as almas que Vos aprouve unir à minha; esses tesouros fostes Vós que mos confiastes...».²¹

A mensagem de Teresa

Que terá hoje a dizer-nos, a nós, mulheres, Santa Teresa de Lisieux? Qual a sua mensagem actual?

Antes de mais, julgo que ela mesma, é a **Mensagem**.

a) Mensagem de verdade

No termo da sua vida, ela pôde coerentemente afirmar: «Nunca busquei senão a verdade!» Esta frase lapidar, longe de ser um “slogan” vazio de conteúdo, era, sim, o retrato da sua alma, do seu vivo e existencial desejo. Mas, o que é a Verdade? Já Pilatos colocara esta questão a Jesus, só que Ele não lhe deu a resposta por palavras. A verdade, ele, Pilatos, tinha-a diante de si, e não a podia ver. Os seus olhos não estavam preparados para isso. Teresa de Lisieux, desde muito cedo se encontrou com a Verdade – Jesus, seu Divino Mestre, seu único Bem-Amado, e a Ele se entregou por inteiro, sem reserva alguma. E quanto mais se entregou, mais encontrou a mesma Eterna Verdade. E a Verdade libertou-a de tudo o que seriam escolhos no seu caminho para a união perfeita com Deus, que como vimos, é a vocação de todo o ser humano, mulher e homem. Esta sua entrega partiu, não de extraordinários carismas, de coisas raras, mas da **aceitação de si mesma**, com todas as

²⁰ Blaise Arminjon, S.J., *La Cantate de L'Amour*, D.D.B., 1983.

²¹ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., 1992, Ms C 34v.

suas limitações, com todo o peso da sua humanidade precisada da redenção, acolhedora de Jesus, carente d'Ele até às suas fibras mais íntimas. Na medida em que ela esperou tudo de Deus, Deus cumulou-a em Jesus Cristo Seu Filho. Poderemos tomar para nós o que um dia ela disse a uma das suas noviças entristecida com as suas falhas, e impotente para as vencer: «É-se feliz em se sentir fraca e miserável porque quanto mais se reconhece isso com humildade esperando tudo gratuitamente do Bom Deus sem nenhum mérito da nossa parte, mais o Bom Deus Se abaixa para nos cumular dos Seus dons com magnificência».²²

Na aceitação de si mesma, Teresa cresceu e amadureceu ao sol do Amor Divino que a cumulou, muito além de tudo o que ela poderia esperar.

b) Uma luz na noite

Vive-se hoje, uma noite existencial, uma crise generalizada de insegurança e temor. Não faltam profetas de desgraças, nem desalentados que se deixam cair e ficar passiva e fatalmente na valeta. Teresa surge, como mulher forte e mulher perfeita, à imagem da mulher do livro dos Provérbios, à imagem de Maria, a MULHER cósmica, como lhe chama João Paulo II na sua Carta Pastoral *Mulieris Dignitatem*, Mulher vestida de Sol, com a Lua debaixo dos pés e uma coroa de estrelas sobre a cabeça (Ap 12, 1). Pode-se dizer, continua: uma mulher à medida do cosmos, à medida de toda a criação. Mas esta mulher, é uma lutadora, ela combate contra o dragão, a serpente antiga, ou seja, todas as formas de mal presentes no mundo. Teresa de Lisieux, detrás da sua doçura e afabilidade nunca desmentidas, e testemunhadas por todas as Irmãs da sua Comunidade, testemunho que, de per si, basta para autenticar toda a grandeza e veracidade do mesmo!!!, Teresa de Lisieux foi uma lutadora que enfrentou sempre os pequenos e grandes combates do seu quotidiano com coragem e decisão. Na noite mais escura da fé, escreveu com o próprio sangue o Credo que passou a trazer dentro dos Evangelhos de bolso que sempre trazia consigo. Ainda postulante, e tendo permissão para encontros de partilha espiritual com uma sua companheira, diante

²² Sr. Marie de la Trinité, *Une novice de sainte Thérèse*, p.110.

da pouca maturidade desta nesses contactos, e parecendo-lhe que os encontros em vez de serem proveitosos estavam a degenerar numa amena e oca conversa de amigas “à maneira do mundo”, Teresa não hesita em, após orar, enfrentar a situação, nada agradável, de reconduzir a sua companheira à finalidade autêntica desses encontros.²³

Teresa viveu uma autêntica identificação com o drama dos ateus, através das densas trevas de fé que a envolveram nos últimos anos da sua vida. Aí se travou o seu grande combate. Assim ela pode enviar-nos hoje ainda, uma eloquente mensagem. Segundo Emmanuel Renault em sua obra *L'Épreuve de la foi – Le combat de Thérèse de Lisieux*, no seu combate, Teresa utilizava quatro tácticas, ora uma ora outra, ora várias em simultâneo: a firmeza sem desfalecimentos; a fuga; a afirmação da sua fé e o abandono a Deus. Todas elas, demonstram uma profunda coragem, uma radiante lucidez. Quando Teresa nos fala da sua táctica de fuga, ouçamo-la: «Quando o inimigo me vinha provocar, conduzia-me com coragem, sabendo que é uma cobardia bater-se em duelo, eu voltava as costas ao meu adversário sem me dignar olhá-lo no rosto».²⁴ Porque é uma cobardia bater-se em duelo? Não será antes, ao contrário, necessária coragem para arriscar a sua vida? Para compreender Teresa, é preciso situar-se no seu plano. Aceitar o duelo, significa aceitar tomar em consideração as dúvidas contra a fé, é entrar no jogo do inimigo, é reconhecer o valor das suas razões é, talvez também, satisfazer secretamente esse “instinto de morte” que leva por vezes um ser provado a pôr fim às suas dificuldades pelo suicídio. Bater-se em duelo é já capitular, é ofender a Deus, é já renegá-Lo recusando pôr n'Ele total confiança. Em definitivo, aceitar o duelo é uma cobardia porque é trair Deus e fugir do verdadeiro combate, bem mais árduo pois que não concede nada à natureza, exigindo-lhe um dom sem condições.²⁵

c) Confiança no Amor, única saída do impasse e do vazio

Ao longo da vida, todos experimentamos situações sem saída... Teresa, no seu árduo combate da fé, também experimentou, e de que maneira, a limitação humana frente a situações verdadeiramente difíceis.

²³ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., 1992, Ms C 21r ss.

²⁴ Idem, Ms C 7r.

²⁵ Emmanuel Renault, *L'Épreuve de la Foi – Le combat de Thérèse de Lisieux*, Cerf, 1991.

A sua mensagem, uma vez mais, é a sua própria existência, e o modo como a viveu: num perfeito abandono a Deus Todo Amor. Só há um meio possível para escapar destas situações sem saída: deixar a Deus todo o lugar, todo o espaço para que seja Ele mesmo a agir. A Deus nada é impossível, e para Ele não há situação alguma sem saída! Se Teresa se mantém firme na fé através de provações e noites tão escuras, é somente porque Deus a sustenta. Mas esta ajuda não é sentida. É-lhe concedida momento a momento e de modo tão secreto que Teresa tem a impressão de estar completamente abandonada na sua noite, nos seus sofrimentos físicos, nas suas angústias de alma. Ela come o «pão da dor (...) na mesa repleta de amargura onde comem os pobres pecadores».²⁶

Após se ter oferecido ao Amor Misericordioso, nesse 9 de Junho de 1895, festa da Santíssima Trindade, Teresa sente-se toda tomada pelo Amor, toda apanhada por Ele. No seu leito de agonia, nessa hora da verdade, ela confia às suas irmãs: «Não me arrependo de me ter entregue ao Amor».²⁷

d) Maternidade espiritual

A intensidade e profundidade da provação de Teresa não se explicam somente pela necessidade de purificações pessoais. O seu verdadeiro alcance aparece na missão apostólica universal à qual Deus a destinava. Uma das suas últimas palavras declara-o sem ambiguidades: «*Nunca pensei que fosse possível sofrer tanto! Nunca! Nunca! Não posso explicar isto senão pelos desejos ardentes que tive de salvar almas!*» (CJ 30.9). Teresa assumiu livremente esta missão de maternidade espiritual universal, que Deus lhe confiara, numa aceitação incondicional e numa vivência heróica e peculiar, desta solidariedade com todos os homens e mulheres de todos os tempos, que sofrem no seu corpo e na sua alma. Porque colaborou com a Graça, porque se deixou amar plenamente pelo Amor, Teresa realizou de um modo maravilhoso a sua maternidade espiritual, inteiramente unida ao mistério pascal de Cristo.

²⁶ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., 1992, Ms C, 6r.

²⁷ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., 1992, DE 30. 9.

e) O Sacerdócio de Teresa

Toda a vida de Teresa no Carmelo foi uma vivência do seu sacerdócio real, ao qual todos os baptizados somos chamados por Deus em Cristo Jesus. Para não me alongar em muitíssimas citações que podemos encontrar quer nos seus *Manuscritos autobiográficos*, quer no seu *epistolário*, referiria somente uma, talvez a mais bela, se analisada à luz da morte de Teresa.

Teresa deu uma interpretação da sua morte. No final do seu último *Manuscrito*, dirigido à Madre Maria de Gonzaga, então de novo no cargo de Priora do Carmelo de Lisieux, ela retoma a oração sacerdotal de Jesus, no capítulo 17 de S. João, e adapta-a a si própria. Aqui e além modifica uma passagem que não pode dizer respeito senão a Jesus. Salta alguns versículos e substitui uma ou outra palavra. Mas o conjunto, torna-se uma espécie de grande oração eucarística pronunciada sobre ela mesma: com Jesus – sacerdotalmente – ela entrega-se ao Pai pelo mundo inteiro. Eis o texto, tal como ela o trabalhou:

«Jesus, meu Bem-Amado...
 Glorifiquei-Vos sobre a terra,
 realizei a obra
 que me mandastes fazer, dei a conhecer o Vosso nome
 àqueles que me destes,
 eram vossos
 e Vós mos destes.
 Agora conhecem
 que tudo o que me destes
 vem de Vós,
 pois lhes dei as palavras
 que Vós me confiastes;
 eles receberam-nos,
 e acreditaram
 que me enviastes.
 Oro por esses que Vós me destes,
 porque são Vossos.
 Não estou no mundo,
 mas eles ainda estão,
 enquanto eu volto para Vós.
 Conservai-os
 por causa do Vosso nome.
 Agora vou para Vós,

e é para que a alegria que vem de Vós
 seja perfeita neles,
 que digo isto,
 agora que ainda estou no mundo...
 Não Vos peço que os tireis do mundo,
 mas que os preserveis do mal.
 Eles não são do mundo
 da mesma forma que eu
 já não sou do mundo.
 Não é somente por eles que oro,
 mas é ainda por aqueles que
 hão-de acreditar em Vós, pelo que hão-de ouvir dizer.
 Meu Deus, desejo que onde eu estiver,
 esses que me deste, estejam também comigo;
 e que o mundo conheça
 que Vós os amastes
 como me amastes a mim».²⁸

Teresa foi amada. Deixou-se completamente amar, invadir pelo Amor Misericordioso, e por isso se pode dar toda num dom de amor universal e perfeito, numa mística união com Cristo, o Dom do Pai, que amou até ao fim, obediente até à morte e morte de Cruz. Assim foi Teresa do Menino Jesus e da Santa Face.

f) A Mulher Coração do mundo e da Igreja

Foi buscando a sua “vocação”, uma resposta para os seus desejos tão imensos, os desejos de um coração de mulher são sempre demasiado grandes, que Teresa descobriu, na Sagrada Escritura, e muito concretamente na Primeira Carta aos Coríntios, capítulos 12 e 13, o seu lugar na Igreja, a sua vocação: no coração da Igreja, ser o Amor!

Se a mulher é coração, é acolhimento do amor, é fonte de amor, na verdade, o seu lugar no mundo e na Igreja será eminentemente ser coração. Coração que ama sempre, em todos os lugares e circunstâncias, desde o tempo até à eternidade. Mais, na própria Eternidade, pois o Amor não passará! Que melhor lugar, que vocação mais excelente nos poderia ter confiado o Criador? Se o homem guarda o “jardim”, a mulher guarda o coração do “jardineiro”!

²⁸ Thérèse de Lisieux, *Œuvres Complètes*, Ed. Cerf - D.D.B., Ms C 34r.

Epílogo

A grande mensagem de Teresa do Menino Jesus, Teresa de Lisieux, dirigida à mulher de hoje, julgo que terá de passar essencialmente por uma leitura atenta do Evangelho, já que em todos os seus momentos de busca, incerteza e noite, ela sempre auriu na Palavra de Deus, sobretudo no Evangelho, a água viva para a sua sede, a resposta segura para o que buscava.

Contemplando assim, com ela, a atitude de Jesus perante as mulheres, o Seu tipo de relação com elas, ao longo dos quatro Evangelhos, mas sobretudo do Evangelho de S. João – o que mais dignificou a mulher –, poderemos concluir:

1. Que a mulher, no advento deste terceiro milénio, seja a grande e imprescindível **mensageira da Boa-Nova** de Jesus Ressuscitado (Jo 20, 16-18). Aquela que **vai à frente**, destemida e corajosa, firme na sua fé em Jesus Salvador (Jo 4, 28). A que **mantém acesa a chama** viva da fé, da esperança e do amor no mundo e na Igreja numa imitação próxima da Virgem Maria Mãe de Jesus (Jo 19, 25-28).

2. Que a mulher seja, uma vez mais, a grande **antecipadora da hora de Deus** (Jo 2, 3-9), pelo seu poder de intercessão humilde e amorosa.

3. Que a mulher, ame **ser mulher**, ame a sua vocação especificamente feminina: **ser coração, ser amor que se dá até ao fim** (Jo 12, 3; 19, 25; 20, 1-2; 20, 11).

“É melhor ser sábio que ser forte, e o conhecimento vale mais que a força” (Prov.24,5).

“A mulher sábia constrói o seu lar” (Pro. 14,1).

“Quem poderá encontrar uma mulher forte? Ela vale muito mais dos que as pérolas (...). A graça é enganadora e a beleza é passageira, mas a mulher que teme o Senhor merece o louvor!” (Prov. 31, 10 e 30).

“*Quem é esta que sobe o deserto apoiada no seu amado?*

.....

Grava-me

como selo no teu coração...

Pois o amor é forte como a morte”.

(Cânt. 8,5 ss).

Preciso de um coração ardente de ternura
Que seja meu apoio sem nenhuma reserva
Que ame tudo em mim, mesmo minha fraqueza...
Que nunca me abandone, nem de noite nem de dia.

Não pude encontrar nenhuma criatura
Que me amasse sempre, sem nunca morrer.
Preciso de um Deus que tome minha natureza
Que se torne meu irmão e possa sofrer!

Santa Teresa do Menino Jesus

Poesia 23, 4

AS POESIAS DE SANTA TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE

D. MARIA DA PIEDADE DE PÁDUA URBANO

As poesias de Teresa: quantas e quando. Um exemplo

Surpreende-me a extensão da obra poética de Teresa de Lisieux.¹ Nunca tinha tido a oportunidade de contactar com essa obra integralmente. Surpreendeu-me também o curto espaço de tempo em que ela foi produzida.

Deixando de parte a forma poética frequentemente utilizada por Teresa nas *Recreações Piedosas* (a 4^a e a 5^a são em verso, e nas restantes seis estão integradas passagens, mais ou menos longas, também em verso), conhecemos de Teresa 54 poesias devidamente datadas e com historial, ou seja, indicação das circunstâncias e razões que levaram à sua composição. Além destas, há ainda 8 poesias chamadas suplementares, curtas e até incompletas, as sempre reveladoras da Teresa sensível, humilde e adorável.

¹ A bibliografia teresiana é muito extensa e diversificada. Todavia, para a elaboração deste pequeno trabalho, baseei-me apenas no volume *ŒUVRES COMPLÈTES* que abrange os textos propriamente ditos, as introduções e as notas a esses textos, das Edições du Cerf, de 1992. As citações feitas neste trabalho referem-se a esse volume.

Quanto às datas das Poesias de Teresa, elas situam-se entre 2 de Fevereiro de 1893 – *O Orvalho Divino* (PN1) – e Maio de 1897 – *Porque te amo, ó Maria* (PN 54). Depois deste extenso poema, composto espontaneamente em honra de Nossa Senhora, encontraremos ainda, nas Poesias suplementares, «as três últimas *melodias de amor* de Teresa doente: para a sua priora (PS 6) em 21 de Junho de 1897, para uma companheira amargurada pela sua morte próxima (PS 7), talvez do mesmo mês e ano de 1897, e para Jesus Hóstia que não cessou de se *abaixar* para a sua *pequenez* (PS 8) – escrita na noite de 12 de Julho de 1897, tendo em vista a sua comunhão do dia 16, festa de Nossa Senhora do Carmo».²

Notando que, em 1893, Teresa escreveu apenas uma poesia – *O Orvalho Divino* (PN1) –, verificamos que foi nos últimos quatro anos de vida que a sua poesia floresceu mais intensamente, distribuída da seguinte maneira:

- de Fevereiro a Dezembro de 1894: 14 poemas;
- de Fevereiro a Outubro de 1895: 10 poemas (1895 é o ano da redacção do Ms A);
- de Janeiro a Dezembro de 1896: 19 poemas, e possivelmente 5 das poesias suplementares (1896 é o ano da redacção das duas cartas – à Irmã Maria do Sagrado Coração e a Jesus – que constituem o Ms B);
- de Janeiro a Maio de 1897 : 10 poemas, dos quais 5 em Maio (1897 é o ano da redacção do Ms C, que ficou incompleto).

As Poesias de Teresa são, portanto, uma obra dos últimos tempos da sua vida, uma obra da maturidade, quando a doença a minava irreversivelmente, e as trevas da fé se adensavam cada vez mais. Importa não esquecer estas circunstâncias para mais profundamente se mergulhar na obra poética de Teresa de Lisieux, onde ela retoma e realça tantos dos seus temas preferidos, onde se revela num despojamento e nudez de espírito a que a morte próxima imprime uma autenticidade e uma força irresistíveis. Só nesta perspectiva se poderá captar a mensagem de Teresa nas poesias, ultrapassando as imperfeições formais que porventura a possam diminuir, e verificar como o conhecimento da poesia teresiana constitui um complemento – diria *indispensável* – das outras obras que nos deixou, nomeadamente os *Manuscritos Autobiográficos*

²Cf. Ed. du Cerf - D.D.B., p. 758.

e as *Cartas*.

Como exemplo, vamos transcrever a poesia *Tu que conheces a minha extrema pequenez* («*Toi qui connais ma petitesse extrême*», PS 8) a última escrita pela mão de Teresa, na noite de 12 de Julho de 1897), como preparação para a comunhão do dia 16. Diz assim:

«Tu que conheces a minha extrema pequenez,
 Não receias abaixar-te até mim!
 Vem ao meu coração, Hóstia branca que eu amo,
 Vem ao meu coração, ele anseia por ti!
 Quisera que a tua bondade me deixasse
 Morrer de amor depois desta graça.
 Jesus! ouve o grito da minha ternura,
 Vem ao meu coração!»

A Madre Inês de Jesus, no CA 13.7.4, refere-se à elaboração deste pequeno poema, e transcreve as palavras de Teresa: «*escrevi-o com muita facilidade, é extraordinário; julgava que já não podia fazer versos*». ³ E a própria Teresa, na Carta 255, conta aos tios Guérin as circunstâncias especiais que rodearam o momento solene da sua Comunhão na enfermaria, nesse dia 16 de Julho de 1897:

«(...) a Irmã Maria da Eucaristia (Maria Guérin) cantou, antes da comunhão, uma pequena poesia que escrevi para esta manhã. Quando Jesus estava no meu coração, ela cantou a estrofe *Viver de Amor*: «morrer de Amor é um doce martírio». Não sou capaz de vos dizer como a sua voz era alta e bela, ela tinha prometido não chorar, para me dar gosto; as minhas esperanças foram ultrapassadas. Jesus deve ter *ouvido* e compreendido o que eu espero d'Ele e era justamente o que eu queria!...»⁴

Durante a acção de graças, Maria da Eucaristia cantou de facto a estrofe 14 do poema *Viver de Amor* (PN 17), que Teresa havia escrito dois anos antes (26 de Fevereiro de 1895):

«Morrer de amor é um doce martírio,
 É aquele que eu desejava sofrer.
 Ó Querubins, afinai a vossa lira,

³ Ed. du Cerf - D.D.B., p. 1039.

⁴ *Ib.*, pp. 611-612.

Sinto que o meu exílio vai terminar!...
 Chama de Amor, consome-me sem tréguas,
 Vida de um instante, pesa-me o teu fardo!
 Divino Jesus, realiza o meu sonho:
 Morrer de Amor!...»

E assim, naquele dia 16 de Julho de 1897, no momento solene da Comunhão e acção de graças por esse dom de Deus que era a linda voz de Maria Guérin, Teresa pôde proclamar mais uma vez o seu desejo de morrer de Amor, expresso já no poema de 26 de Fevereiro de 1895. Depois desse dia 16 de Julho de 1897, «Teresa não escreverá mais versos. O seu *martírio* irá terminar onze semanas mais tarde (30 de Setembro) com uma *morte de amor* como a de Cristo na cruz».⁵

Circunstâncias da elaboração das Poesias de Teresa

Considerando apenas as 54 Poesias numeradas, com exclusão das 8 Poesias suplementares, poderemos verificar que a razão que as motivou não foi sempre a mesma.

Uma grande parte dessas poesias foi escrita a pedido de outrem, habitualmente as Irmãs do Carmelo, que frequentemente sugeriam elas próprias os temas e as ideias sobre as quais Teresa teria de escrever. São 23 estas poesias escritas a pedido. Outra parte não lhe foi pedida, mas ela é que, ao escrevê-las, fê-lo na *intenção* de alguém, a quem as dedicou. Temos, neste segundo grupo, 21 poesias. Finalmente, algumas foram escritas espontaneamente, para ela própria. Contam-se em número de 10.

Por aqui se vê a disponibilidade de Teresa em pôr-se ao serviço com os talentos que possuía, anuindo aos pedidos para que escrevesse este ou aquele poema que, com uma única excepção (PN 39, a pedido do Dr. Francisco La Néele, casado com Joana Guérin), lhe eram feitos pelas suas Irmãs de Comunidade. Comemoravam acontecimentos importantes da vida religiosa – entrada no Carmelo, tomada de hábito, profissão, dia do santo onomástico, dia dos anos, etc.

⁵Ed. du Cerf - D.D.B., p. 1405.

Quanto às poesias escritas *na intenção* de alguém, revelam que Teresa pensava nos outros, sobretudo nas suas Irmãs carmelitas e nas suas irmãs de sangue, também carmelitas, e não perdia a oportunidade de lhes dar um gosto, de ter uma atenção, uma amabilidade, uma manifestação de delicada ternura, escrevendo – mesmo sem lhe ser pedido – algum poema *que lhes dedicava*. Aproveitava também a ocasião, como presença viva, para transmitir algum ensinamento oportuno, um encorajamento, um conselho.

Finalmente, as 10 poesias escritas espontaneamente terão surgido como resposta a uma necessidade pessoal de deixar extravasar o que lhe ia na alma, o que lhe transbordava do coração. Daí, talvez, o cunho tão teresiano dos próprios temas deste último grupo de poesias: reminiscências afectivas que lhe traziam os laços familiares (PN 8, *Oração da filha de um Santo*), hinos de inspiração litúrgica (PN 34, *Atirar flores*), exaltação dos santos dos quais se sente próximo e são os seus modelos (PN 47, *A Teófilo Vénard*; PN 50, *A Joana d’Arc*), devoção a Maria (PN 35, *A Nossa Senhora das Vitórias*, PN 54, *Por que te amo, ó Maria*), poemas de combate e de apostolado (PN 48, *As minhas armas*) e, sobretudo, «poemas de contemplação e de amor a Jesus, à Santa Face, ao Sagrado Coração, toda a gama dos poemas de amor, cada vez mais luminosos e trágicos, à medida que desce a noite da fé» (PN 17, *Viver de Amor*, PN 45, *A minha Alegria!*).⁶

Resumindo e para concluir este ponto, importa nunca esquecer a génese e o objectivo diferente das composições poéticas de Teresa, sem todavia estabelecer barreiras demasiado rígidas que dariam origem ao perigo de *despersonalizar* algumas delas, como se, nas poesias feitas *a pedido*, Teresa se tornasse convencional, esvaziando assim do seu conteúdo autêntico as referidas poesias. Ora tal não acontece, pois, mesmo nessas composições, Teresa revela-se, confia-se, é sincera, como se retirasse da sua própria substância a inspiração para tudo quanto escreve, mesmo *a pedido* ou *na intenção* de alguém. É o que podemos verificar, por exemplo, no célebre poema *Jesus, meu Bem-Amado, lembra-te!...* (PN 24) que foi escrito a pedido da Irmã Genoveva (Celina).

⁶Ed. du Cerf - D.D.B., p. 629.

Conteúdo, forma, e suporte musical das Poesias de Teresa

1. O conteúdo

a) O «sentimento da natureza»

Teresa Martin viveu entre 1873 e 1897, portanto, no último quartel do século XIX. Foi esse século dominado, em todas as manifestações da arte, pelo movimento designado de Romantismo, embora o Realismo-Naturalismo se começasse já a impor, nos finais do século, em meios mais avançados e receptivos a tendências novas.

Na literatura, era notória a influência da *natureza* nos escritores, sobretudo nos poetas, que a tomavam frequentemente como ponto de referência para exprimirem os sentimentos pessoais: ou por semelhança, identificando-se com ela, ou por contraste, por exemplo falando dos seus estados de alma de melancolia e sofrimento em contraste com uma natureza alegre e colorida. A esta *capacidade de emoção perante a natureza* deu-se a designação de «sentimento da natureza».

Teresa, tendo vivido no tempo em que viveu e num ambiente conservador de província, não escapou à influência do seu meio. Nela, é muito vivo o gosto pela natureza, o entusiasmo que nela despertava a beleza das paisagens, das flores, do sol, do mar, das montanhas... Podemos dizer que ela tinha de facto em si mesma o «sentimento da natureza», mas vista com um olhar sobrenatural, uma natureza *sacralizada*, amada como um *hino à grandeza do Criador*.

A título exemplificativo, fiz o levantamento dos elementos da natureza referidos por Teresa na Poesia 18 – *O Cântico de Celina*, composta para a Irmã Genoveva (Celina), a pedido dela, para o dia dos seus 26 anos. É um longo poema, com 55 estrofes de 5 versos, no qual se distinguem duas partes: até à estrofe 31, as recordações de Celina antes de entrar no Carmelo; a partir da estrofe 32, Celina no Carmelo.

Por me parecer elucidativo, vou transcrever os elementos da natureza presentes neste poema:

– a primavera, os trigais, a planície, a colina distante, as flores, as ervinhas, as centáureas, o perfume das violetas, as margaridas

brancas, os passarinhos a cantar, o azul dos céus, o perfume das rosas, o pôr-do-sol, o céu azul, os frutos de ouro, a roseira brava florida, as flores do vale solitário e profundo, os suspiros da brisa, o voo das andorinhas, o canto triste das rolas, o ruído das asas dos insectos, o orvalho matinal, a graciosa cigarra, a abelha virginal, a urze, o musgo macio, os fetos, as borboletas, o pirilampo, as estrelas, o brilho da lua no azul escuro, o doce ruído das ondas, a tempestade que ruge, a solidão da tarde, a voz do rouxinol.

A partir da estrofe 32, «Maintenant je suis prisonnière» – «Agora sou prisioneira» – começa o tempo actual, o de Celina no Carmelo como noviça, afastada dos lugares da sua infância e juventude, mas *encontrando em Jesus* tudo o que deixou e muito mais ainda porque, *na linha do pensamento de S. João da Cruz*, também Teresa tinha a intuição de que «*em Cristo se reúne a profusão de todas as riquezas criadas*».⁷ Veja-se a estrofe 36:

«Jesus, és tu, o Cordeiro que eu amo
 Tu me bastas, ó supremo bem!
 Em ti, tenho tudo, a terra e até o Céu,
 A Flor que eu colho, ó meu Rei,
 És tu!...»

E sempre *em Jesus*, «o Lírio do Vale», «o ramo de mirra», Celina encontra todos os elementos da natureza que a deslumbram e que vão sendo enumerados até ao fim do poema:

– os bosques, as plantas rasteiras, a montanha, os prados, as chuvas, os flocos de neve, as flores entreabertas, miosótis, botões de ouro, rosas, a frescura e o perfume da flor-da-felicidade, rios, rochedos, cascatas, o gamo, a gazela, o esquilo, o cabrito-montês, o arco-íris, a neve pura, o vasto horizonte, a verdura, as ilhas longínquas, as palmeiras douradas pelo sol, a noite, o surgir da aurora, o murmúrio do regato, os cachos deliciosos, as libelinhas graciosas, a floresta virgem, as crianças lourinhas, as nascentes e as colinas, lianas, pervincas, espinheiros, nenúfares, madressilva, rosas bravas, o murmúrio do álamo, a aveia ondulante, a voz grave dos ventos, a chama ardente, o zéfiro, as moitas floridas, os ni-

⁷ Ed. du Cerf - D.D.B., p. 1367.

nhos, o lago, o vale solitário, a onda do oceano, os peixes dourados, tesouros dos mares, o barco, o rasto de ouro, a margem, os raios do sol, a pomba pura, a estrela brilhante.

Só neste poema, encontramos para cima de oitenta elementos da natureza que causam o enlevo e são as deliciosas recordações de Celina-Teresa. Esta exaltação da natureza e, sobretudo, a descoberta de todas estas belezas no *próprio Cristo*, através do qual Celina as vê e as evoca, estão como que em ressonância com o *Cântico Espiritual* de S. João da Cruz. Mas por outro lado – por que não dizê-lo? – mostramos em Teresa a vivência do «sentimento da natureza» tão querido dos românticos, até como revelação do poder e da beleza infinita de Deus. Recordando a frase de Chateaubriand – «J’aperçois Dieu partout dans la nature», «Descubro Deus em toda a natureza» – não deixaremos de notar que Teresa, com o seu olhar de *mística* e de *alma enamorada*, não andou longe da mesma *descoberta*...

b) Algumas ideias-chave

As Poesias de Teresa (com raras exceções, p. ex., PN 37, a felicitar Francisco La Néele) são de conteúdo religioso, e nelas encontramos os temas fundamentais dos escritos teresianos, tais como:

- o valor do momento presente, do hoje, do agora (PN 5 – *O meu canto de hoje*);
- a semelhança com «o grão de areia» (PN 19, *O átomo de Jesus-Hóstia*);
- o desejo de vida oculta (PN 2, *O meu Céu na terra!*..);
- a humildade, a «pequenez» (PN 44, *Aos meus irmãozinhos do Céu*);
- o conhecimento e vivência profunda do Evangelho (PN 24, *Jesus, meu Bem-Amado, lembra-te!*...)
- a exaltação da Ordem de Nossa Senhora do Carmo (PN 7, *Canto de reconhecimento a Nossa Senhora do Carmo*);⁸
- a devoção a Nossa Senhora (PN 54, *Porque te amo, ó Maria!*);
- a devoção à Sagrada Eucaristia (PN 40, *As Sacristãs do Carmelo*);

⁸ Cf. RP 7, *O triunfo da Humildade*.

- a devoção à Santa Face (PN 20, *O meu Céu na terra!...*);
- o zelo pela salvação das almas (PN 32, *O meu Céu*);
- o amor ao sofrimento (PN 45, *A minha alegria*);
- a exaltação e desejo do martírio (PN 47, *A Teófano Vénard*);
- a força interior, o espírito de combate (PN 48, *As minhas armas*);
- o desejo de viver e morrer de amor (PN 17, *Viver de Amor*; PN 30, *Glosa sobre o Divino*; PN 36, *Só Jesus*; PN 41, *Como eu quero amar*);
- a plena confiança (PN 52, *O abandono é o fruto delicioso do Amor*);
- o despojamento total (PN 51, *Uma rosa desfolhada*).

Por esta enumeração de ideias-chave se poderá ver como a leitura e meditação das Poesias de Teresa é fundamental para o conhecimento mais profundo dos seus *Escritos*.

2. A forma

No seu conjunto, a poesia de Teresa é bastante diversificada quanto à forma, embora se note uma certa preferência pela quadra e pela oitava rima (estrofes de 4 e 8 versos respectivamente). Mas não são exclusivas; aparecem estrofes de 5 versos, sendo o último mais curto, de 9 versos, em que o último é repetido, e também aparecem composições em que quase não há divisão estrófica (PN 3, *Santa Cecília*).

Quanto ao número de sílabas métricas, Teresa utiliza com frequência os versos de 10 ou 12 sílabas, versos longos, que fazem lembrar os poemas de Lamartine, ou de Víctor Hugo, ou de Musset. Mas também estes, conquanto frequentes, não são exclusivos.

De notar o gosto pelo uso de Refrão entre as estrofes ou grupos de estrofes, bem como a existência de um verso mais curto que se repete no final de cada estrofe da mesma composição.

Fazemos estas breves observações para mostrar a variedade da poesia de Teresa, quanto à forma. Esta nem sempre é perfeita, mas mesmo assim não deixa de surpreender numa pessoa que, não sendo uma ignorante, nunca tinha todavia feito grandes estudos literários nem conhecia a fundo a arte poética.

3. O suporte musical

Não podemos deixar de referir que as poesias de Teresa eram *cantadas*. Para quase todas se encontra indicado o *suporte musical* que devia utilizar-se e que era normalmente bem conhecido no convento. Pela minha parte, exceptuando duas, não conheço nenhuma das melodias indicadas. Não sei, por isso, ter uma opinião sobre se o suporte musical valorizava ou desvalorizava as poesias de Teresa. Remeto-me, pois, à opinião expressa na *Introdução às Poesias* das Ed. du Cerf - D.D.B.,⁹ a qual claramente manifesta que as músicas escolhidas (as que Teresa conhecia e estavam então em voga) em nada favoreciam os seus poemas. É claro que este problema é secundário. Actualmente o gosto estético pode ser – e é – diferente do dos finais do século XIX. E a verdade é que a Irmã Genoveva (Celina) achava, quanto às poesias de Teresa, que elas não deviam dissociar-se da música porque, «c'est plus joli chanté» – cantadas, são mais bonitas». ¹⁰ E talvez fossem... Não esqueçamos aquele último poema referido no início «Tu conheces a minha extrema pequenez» (PS 8), que Maria da Eucaristia cantou em 16 de Julho de 1897, como preparação para a comunhão de Teresa doente na enfermaria, e que esta havia escrito numa das noites anteriores... Talvez, neste caso, a melodia desse ao texto uma solenidade maior do que a simples recitação...

Damos a palavra a Teresa: «Uma rosa desfolhada»

Na impossibilidade de nos alargarmos na análise minuciosa de algumas das melhores poesias de Teresa de Lisieux, dignas de figurarem em qualquer antologia de poesia mística, vamos fixar-nos apenas numa que, para mim, é das mais belas e, sem ser muito extensa, nos dá da forma mais acabada, mais perfeita, a síntese da sua caminhada espiritual até aos cumes da confiança e do abandono. Trata-se da poesia *Uma rosa desfolhada*.

É a poesia 51 que foi escrita em 19 de Maio de 1897, uma das várias escritas nesse mesmo mês, desse mesmo ano, que foram como a sua despedida no género poético.

⁹Ed. du Cerf - D.D.B., pp. 630-631.

¹⁰*Ib.*, p. 630.

A poesia *Uma rosa desfolhada* tem uma pequena história que vamos recordar. Aconteceu que a Madre Henriqueta, carmelita de Paris e antiga priora, ouviu dizer maravilhas dos talentos poéticos de Teresa, e quis comprová-los pessoalmente. Para isso pediu que Teresa lhe enviasse uma das suas poesias, propondo até ela própria, segundo a Irmã Maria da Trindade, o tema da rosa desfolhada. E aí temos nós Teresa, já tão doente, a satisfazer o pedido da Madre Henriqueta; note-se, todavia, que, muito embora *escrevendo a pedido de alguém*, nunca ela terá sido tão espontânea, tão sincera, tão ela mesma na atitude do mais completo despojamento e de um abandono total. Neste poema, «Teresa já não pensa em dar-se a Jesus, mas em desfolhar-se sob os seus passos, em morrer dissolvendo-se. Ela desenvolve esta ideia nas estrofes 3 e 4 (o poema tem apenas 5) até um ponto onde ainda não tinha chegado: «*A rosa com o seu brilho pode alegrar a festa / mas a rosa desfolhada lança-se simplesmente ao sabor do vento*» (isto é, para qualquer sítio). A rosa desfolhada dá-se «*para já não ser*», o que é o cúmulo do abandono; não se lhe presta atenção (4, 1), são apenas uns «*restos*». Teresa «*compreendeu-o*»; ela «*prodigalizou a sua vida, o seu futuro*», «*para sempre murcha – Tenho de morrer*». Assim, ela dá a derradeira prova do seu amor, sem saber o que Jesus dela fará. Ela não é mais do que uma rosa desfolhada, isto é, nada».¹¹

A Madre Henriqueta não ficou totalmente satisfeita; queria que o poema comportasse mais uma estrofe na qual se diria que, depois da morte, Deus reunia as pétalas desfolhadas e tornava a formar uma bela rosa que brilharia por toda a eternidade.

Como a boa Madre estava distante do íntimo de Teresa! Para esta, «*amar, é dar-se*» sem esperança de recompensa; por isso replicou: «*que a Madre escreva ela mesma essa estrofe como quiser; por mim, não estou nem por sombras inspirada para o fazer. O meu desejo é ser desfolhada para sempre, para dar alegria a Deus. E é tudo*».¹²

É, de facto, tudo: é Teresa no *despojamento* completo, na *confiança* mais absoluta, no *abandono* total, na plenitude do *Amor*.

Por isso, e para terminar, lhe damos a palavra:

¹¹ Ed. du Cerf - D.D.B., p. 1395.

¹² *Ib.*, p. 1395.

«Jesus, quando te vejo seguro pela tua Mãe
 Abandonar os seus braços,
 E tentar vacilante, na nossa triste terra,
 Dar *os teus primeiros passos*,
 Diante de ti quereria *desfolhar uma rosa*
 Em plena frescura,
 Para que o teu pezinho docemente repouse
 Sobre uma flor...

Esta rosa desfolhada, é a fiel imagem,
 Divino Menino,
 Do coração que quer imolar-se por ti sem partilha,
 A cada instante.
 Senhor, nos teus altares mais do que uma fresca rosa
 Gosta de brilhar,
 Ela dá-se a ti... mas eu sonho outra coisa:
 «*É desfolhar-me!...*»

A rosa com o seu brilho pode alegrar a festa,
 Amável Menino,
 Mas a *rosa desfolhada*, simplesmente, lança-se
 Ao sabor do vento.
Uma rosa desfolhada, sem requinte, dá-se
Para já não ser.
 Como ela, com alegria, abandono-me a ti,
 Menino Jesus.

Passa-se sem mágoa sobre *pétalas de rosa*,
 E estes restos
 São um simples ornamento que se dispõe sem arte,
 Assim compreendi.
 Jesus, por teu amor prodigalizei a vida,
 O meu futuro,
 Aos olhos dos mortais, *rosa* para sempre *murcha*
 Tenho de *morrer!...*

Por ti, tenho de *morrer*, Jesus, Suma beleza,
 Que feliz sorte!
 Quero ao *desfolhar-me* provar-te que te amo,
 Ó meu Tesouro!...
 Sob os teus *pezinhos* quero, em segredo,
 Viver cá na terra,
 E quisera ainda suavizar no Calvário
 Os teus últimos passos!...».

